Escarlate II

A Vingança De Zand

Cárlisson Galdino

A vida é uma estrada pra quem já sabe exatamente onde pretende chegar
Sem bússola ou mapa, sem GPS, sem quase ninguém com quem se possa contar

A vida é um jogo pra quem tem planos e não tem medo nenhum de apostar
As cartas na mesa, as cartas nas mangas, o blefe, o coringa e a cartada final

A vida é uma guerra pra quem acorda no mundo com uma conquista a fazer
As armas, as táticas, as vitórias e as derrotas de olho no amanhã

Às vezes ganha quem perde
Às vezes não há perdão
Quando tudo começa a fazer sentido
Quando tudo parece se encaixar
O quebra-cabeça...

É só mais uma peça!
Não é Damas, é Xadrez
É só mais uma peça!
A guerra leva mais um mês
É só mais uma peça!
É tão pouco tudo o que você fez

É só mais uma peça!
Não é Damas, é Xadrez
É só mais uma peça!
A guerra leva mais um mês
É só mais uma peça!
O jogo ainda não acabou...

- Quebra-Cabeça (Cárlisson Galdino)

Episódio 01: A Carta de Knova

"Nunca me aconteceu nada assim. Não sei como lidar com isso. Me desculpe. Preciso de tempo para entender, um tempo que eu tenho e você não. Por isso, o melhor é você me esquecer mesmo. Não vale a pena ter ilusões comigo. Você vai envelhecer e morrer e eu ainda não sei o que houve entre nós. Se algum dia eu entender, provavelmente você não estará mais aqui.

Você bem deve saber que minha espécie não é dada a união com qualquer criatura. Até nossa procriação só acontece muito poucas vezes na vida. E não é algo bonito de se ver. É o ódio que nos leva a isso... Você é gentil demais, não iria achar nada agradável...

Gentil... Você é a criatura mais gentil que conheci em tanto tempo de vida. Desde o primeiro dia em que ouvi você cantar nas proximidades do meu lar, senti algo estranho. Vontade de te ouvir mais. De estar perto. Por pouco não ataquei seus amigos para poder trazê-lo como parte do meu tesouro pessoal. Você pode achar graça ao ler isso hoje, depois de tanto tempo, mas é verdade. Essa ideia chegou e por muito pouco eu não a coloquei em ação.

Mas o tempo passou e isso não foi necessário, pois você mesmo chegou. Você foi o presente que eu não conquistei. Não precisei disputar com ninguém, matar ninguém, para você querer estar comigo. Isso me deixou ainda mais confusa. E você sempre pareceu me procurar unicamente para estar perto de mim e não por todo meu tesouro acumulado. No fim, acho que não era só eu que passava por uma situação de confusão.

Às vezes fico lembrando as suas canções, quando estou vendo a Lua. Desde aqueles dias em que você esteve aqui, eu tenho esse hábito. Não sei porque, mas tenho vontade. Talvez por me lembrar das suas cantigas.

Enfim, eu não entendo. Só sei que preciso saber que você está bem e você não ficará bem sem esquecer o que houve entre nós. Você precisa viver sua vida e ter alguém gentil como você, que saiba como cuidar de você e como lidar com essa situação de um jeito que eu não sou capaz.

Aceite esta lembrança como uma despedida. Foi o que melhor consegui construir nesses últimos anos, especialmente para você. Que te ajude a transportar seu talento da melhor forma, que consiga fazer cantigas ainda mais encantadoras. Para isso que fiz. Espero que me esqueça para conseguir viver sua vida de maneira adequada, mas que se lembre às vezes de mim. Nem que seja numa noite de Lua. Acho que querer isso é um sinal

de fraqueza... Mas tudo bem, esta é uma despedida. Agora posso reconhecer, já que você nunca mais vai aparecer aqui para me ver e não terei que te matar por você ter descoberto isso em mim."

Serra do Fogo, reino de Wimow. Mais precisamente, no covil do único dragão vermelho que habitava a região. O dragão está presente, mas não como habitante. Fora assassinado por um grupo de aventureiros, liderado por Rubi, uma astuta ladina, e Zand, o único ser em que o dragão realmente confiava. Knovatsareinm jaz no salão principal e ali próximo, Zand chora.

Lágrimas fogem pelo seu rosto, enquanto sentado no sofá sua mão amassa o papel que acabara de encontrar na gaveta do criado mudo. Uma carta cuidadosamente dobrada, com a letra de Knova.

Quando Knova ia entregar a carta? Há quanto tempo a tinha escrito? Como saber? Que presente seria esse? Zand também não faz ideia, mas certamente se trata de um instrumento musical. Isso não faz mais diferença hoje. O instrumento não está ali, só o corpo de Knova, ainda estirado no chão. As escamas já foram arrancadas e estão encostadas num canto. Fora os móveis, fora Knova, fora Zand e Eve-64, fora esta carta amassada e molhada de lágrimas e sangue... Fora isso, aqui não mais nada.

Episódio 02: Uns Dias em Efrea

- Zand? Meu pai pediu...

- Estou indo. - Zand responde, com certa aspereza aos cuidados de Tila. Já está anoitecendo e Zand olha o pôr do Sol, deitado, apoiando a cabeça em Tornado. Ele então se levanta e caminha até a cozinha da casa do seu mestre Willen.

- Sente-se, Zand.

Sem uma palavra, Zand se senta à mesa, sob o olhar desconfiado de Tila. O mestre percebe e apenas gesticula para a filha, como quem diz que não há muito o que se fazer pelo seu discípulo a esta altura.

Há dias ele vinha trabalhando as escamas que trouxera da Serra do Fogo...

- E aí? Está conseguindo?

- Concluí.

- Como? Já?!

- Amanhã de manhã eu parto.

- Zand! Não precisa ir tão cedo! Você não precisa continuar nisso. Você tem toda uma vida pela frente. Esqueça aquela vadia!

- Sinto muito, Willen, mas não vai ser possível.

- Tudo bem. Então aproveite ao máximo esta noite. Coma bem e descanse, pois a vida na estrada é dura, como você bem sabe. Espero que consiga sua vingança, embora ainda ache mais prudente você esquecer essa história toda e ficar por aqui ajudando um pobre velho e sua filha indefesa.

Nem ao menos um esboço de sorriso surge nos lábios de Zand. Nenhum sorriso desde aquele dia, na Serra do Fogo...

- Quero ver depois a armadura que você construiu, antes de partir.

- Acorde cedo como sempre: vou partir com ela.

Tila se aproxima do pai, que a abraça. Um pouco de preocupação e medo, talvez. Eles simplesmente jantam.

Terminado o jantar, Zand sai de casa mais uma vez e se deita, encostado sobre o Tornado, como tem feito por esses dias em que está em Efrea. Olha para o céu com um olhar vazio e contempla o silêncio e a escuridão, até que enfim adormece.

“Vamos mesmo?”

“Claro.”

“Por que tem se afastado de mim?” Eve pergunta telepaticamente, agora que Zand empunha novamente Eve-64.

“Preciso de solidão às vezes.”

“Isso não te faz bem.”

“Quem pode julgar?”

- Zand?! - O mestre sai e o vê, já vestido com sua armadura de escamas vermelhas. Por pouco não se emociona ao ver o jovem vestido daquele jeito tão imponente. Infelizmente, o brilho de sua silhueta já não é o mesmo que seus olhos traziam. - Venha tomar café para partir...

“Você devia ser mais agradecido... Eu guiei você por todo esse caminho, até aproveitando a passada em Erans para comprar o material necessário e agora você está com a armadura pronta.”

“Não é o momento para bronca. Estou sem paciência.”

“Tudo bem, aventureiro!”

- Tem certeza de que quer partir? Está cedo! Ainda acho que você precisa descansar mais...

- Tenho que partir o quanto antes.

- Mas você não faz ideia de onde ela anda!

- Por isso mesmo.

- Zand... Me desculpa por ter feito você fazer isso...

- Você não me fez fazer nada. Eu que fiz e se alguém tem mais culpa que eu nessa história é Rubi. E o que fiz não tem mais volta, o que posso fazer é punir nós dois.

- Pai, o que...

Willen gesticula pedindo que a filha fique quieta, e eles terminam de se alimentar. Zand não espera e vai até o Tornado, mas antes Willen ainda lhe fala:

- Tudo bem, você faz as escolhas da sua vida. Boa sorte em sua missão. Espero que consiga o que procura e que isso te traga paz. Lembre-se: quando precisar de um lugar para descansar, ou de conselhos, pode me procurar.

Zand friamente acena com a cabeça e parte, deixando Willen e Tila.

“Ok, é importante mantermos foco na missão. E eu prometi que vou te ajudar nisso, mas ainda cabe um

pouco de bons modos com seu mestre, não acha, aventureiro?”

Seu olhar distante como sua mente, Zand simplesmente prossegue, afastando-se de Efrea rumo ao Oeste...

Episódio 03: Caminho às Cegas

“Zand? Zand?”

“O que é, Eve?”

“Será que vamos achá-la em Ey Vudeon.”

“Temos que começar a procurar por algum lugar.”

“Está certo. Mas por que não por onde ela de certeza já passou?”

“E não me chame mais de Zand. Zand morreu na Serra do Fogo.”

“E é pra te chamar de quê? Nazavo?”

“Não, este nome ela já conhece. Daqui por diante, eu sou Tzarend.”

“Entendo... Nazavo era uma fusão do seu nome com o nome do dragão, não é? E o novo nome usa a mesma fórmula...”

“...”

“Desculpa, entendo que...”

“Desculpe-me você. Você está certa, Eve. Sobre tudo. Sobre eu ter sido rude demais com você e com meu

mestre, sobre o nome também. Desculpe-me. É que preciso ficar só por um tempo e não consigo ficar sozinho com alguém dentro da minha cabeça o tempo todo.”

“Eu entendo... Vou te deixar em paz.”

“Obrigado.”

Já é bem tarde da noite, quando ele finalmente para em um pequeno lago. Tornado bebe água e se deita, exausto. Ele próprio se senta próximo de uma árvore e tira da bolsa alguns pães.

Devem estar perto de Diwed. Zand – ou melhor, Tzarend – é que não quis passar pela cidade e preferiu um caminho por fora.

Sem retirar a armadura, logo após terminar de comer ele se encosta na árvore e fecha os olhos, com Eve quieta ao seu lado.

“Zand?”

“...”

“Tzarend?”

“O que é, Eve?”

“Já é meio-dia e você está cansado. Não só você, mas sua montaria também. Não é bom continuar assim...”

“Preciso chegar logo em Ey Vudeon. Perdi tempo demais.”

“Menos de um mês. Isso seria tempo demais se você soubesse que Rubi foi pra lá, mas a gente não faz a menor ideia de onde ela anda. Essa busca pode terminar hoje, daqui a um mês, daqui a alguns anos ou nunca mais termos notícia dela. Você está se martirizando e ao cavalo.”

“Tudo bem... Vamos descansar por uma hora.”

“E acha que é o bastante?”

“Vai ter que ser.”

“Você parece ter um laço forte com seu cavalo. Posso estar enganada, mas ele acompanha você há muito tempo e tem muita história pra contar, se pudesse falar. Se pudesse falar, ele estaria reclamando que está sendo forçado a caminhar mais de dezesseis horas por dia quase sem parar. Você quer perder o animal também?”

“...”

“Zand...”

“Para uma guerreira experiente, você está bem exagerada. A viagem é uma só. Chegando em Ey Vudeon ele poderá descansar.”

“E você vai continuar sua busca a pé na capital de Wimow?”

“...”

“E se descobrirmos uma pista, que ela foi para o outro lado do mundo? Você vai querer esperar antes de partir ou vai continuar na mesma obsessão até o cavalo morrer bem debaixo de você?”

“Está bem! Está bem! Eu paro quando chegar em Azt!”

“Isso vai ser lá pra de noite. Mais uma vez.”

“Eu espero o Tornado descansar antes de partir amanhã. Está bem assim? Pode me deixar em paz agora?”

“Zand...”

“Tzarend!”

“...Tenha cuidado para não terminar perdendo ainda mais coisas que lhe são importantes...”

Episódio 04: Ey Vudeon

Já é noite. Zand passa pelas primeiras ruas da movimentada cidade de Ey Vudeon. As ruas por onde passa ainda têm construções e plantações. Mesmo sendo uma parte pacata da cidade, já se nota que não se trata de mais uma mera cidade daqui. Num ponto alto, Zand observa o tapete de luzes que o espera logo adiante.

Ele passa por ruas e parques... O maravilhoso Parque das Orquídeas, movimentado como sempre. Passa e não dá valor. Vai direto ao Hotel Prata reservar um quarto.

A passagem por Azt fora conforme prometido a Eve. Chegou à noite e terminou saindo somente após o almoço, mais para dar descanso ao Tornado e Eve deixá-lo em paz do que pensando em seu próprio repouso.

- Pois não, senhor?

- Quero um quarto. E estábulos para o meu cavalo.

- Pois não... - O jovem atendente arregala os olhos ao perceber por sob o manto o brilho inconfundível das escamas de um dragão vermelho. - Qual o nome do senhor?

- Tzarend.

- Quarto cinquenta e nove. - E lhe entrega as chaves.

Zand deixa a recepção e segue com o Tornado por um espaço aberto. No sexto prédio ele pára. Ali está o número 59, junto dos outros nove que chegam a 60. Após o portão baixo, uma área de feno e água, com instalações para o cavalo. Ao fundo, uma escada rústica leva ao quarto no primeiro andar. Simples e prático.

Zand simplesmente sobe e dorme. Amanhã vai ser um longo dia...

Capital do reino de Wimow. Uma das cidades mais apreciadas deste continente. Em Ey Vudeon se encontra o palácio real da dinastia Reck/Gyo. Fundado há séculos, quando Druh Reck mudou a capital de Wimow de Ey Dlir para cá. Ambas cidades costeiras, assim como Ey Tiphax e Ey Vieo. Mas Ey Vudeon parece geograficamente melhor protegida que as outras três. Por isso a mudança.

Hoje, Wimow é governada daqui por Gyo I, o que seria Reck IX se não tivesse tanto ódio do seu pai a ponto de mudar de nome antes de assumir o trono.

No meio da cidade, com paredes sólidas acinzentadas, mas sempre com algum detalhe vermelho em algum

lugar, se encontra o palácio real, tão admirado. Na entrada, uma bandeira totalmente vermelha representa todo o reino. No meio do único bairro cujo acesso não é permitido assim tão fácil. Lá só mora a família real, as forças armadas e alguns nobres escolhidos a dedo.

Tzarend olha entre as casas o palácio ao longe, a partir de um ponto relativamente alto da cidade. Escondendo a armadura com um manto, sobre seu cavalo Tornado.

"Eis Ey Vudeon! E agora o que planeja?"

"Vamos aos hotéis da cidade durante o dia. De noite, às lojas de joias."

"Você é bem otimista..."

"E o que você sugere então?"

"Eu sugiro que procuremos um mago para..."

"Eve falando de procurar um mago?!"

"Um mago para melhorar magicamente sua armadura: é só pra isso que essa raça serve!"

"Não temos tempo para isso."

"Provavelmente temos. Além do mais, poderíamos deixar a armadura e continuar sem ela por um tempo."

"Isso não."

“Eu aconselhei a fazer duas armaduras, mas você não quis!”

“Não quero que uma armadura de Knova caia em outras mãos, ou termine colocando em risco a vida de Willen.”

“Se tivesse duas, poderia deixar uma delas sendo aprimorada enquanto você usava a outra e depois voltaríamos para pegá-la.”

“Isso não é um jogo, Eve.”

“É esse seu problema, Zand...”

“Tzarend agora!”

“Para Rubi isso sempre foi um jogo e você até agora parece que não percebeu. E se encararmos como um jogo, ela jogou muito bem...”

Episódio 05: Buscas sem Fim

Manhã em Ey Vudeon. Zand desperta e lava o rosto diante do espelho. Quase não se nota quão abatido está. Sua face inexpressiva sob barba desajeitada. Troca-se e pega Eve-64 antes de sair continuando sua jornada.

“Você devia aparar a barba.”

“Ah, cala a boca!”

“Hahaha! Qual boca?”

“...”

“É sério, Zand...”

“Tzarend!”

“Tá... Tzarend! Estar maltrapilho vai te atrapalhar nas buscas. Você sabe que pessoas e preconceitos são coisas quase indissociáveis...”

“Que seja.”

“Além do mais, já estamos aqui há quase um mês...”

“Nem tanto assim.”

“Vinte e seis dias. Não são quase um mês para você? Para mim são!”

“Não faz tanto tempo assim...”

“Claro que faz! Já fomos em todos os bairros dessa cidade, todos os bares, todos os hotéis, todas as praças e pousadas e lojas de armas e joias. E o que encontramos? Nada!”

“Faz parte da busca. Mas você está enganada. Ainda não vasculhamos tudo...”

“Está falando de quê? Do Palácio por acaso?”

“Também... Você sabe tão bem quanto eu quão grande esta cidade é. Quantos hotéis, pousadas e lojas existem por aí que nem passamos por perto?”

“Passamos em todos os points de aventureiros, Zand.”

“Pára! Dá pra parar de me chamar de Zand?!”

“Tudo bem... Se essa loucura te deixa mais feliz, vou tentar só te chamar de Tzarend daqui por diante.”

“Agradecido!”

“Ainda acho que eles não estão por aqui.”

“Rubi falou de Ey Vudeon...”

“Ei! Acorda, aventureiro! Ela estava representando quando falou de Ey Vudeon!”

“Como você pode saber?”

“Eu simplesmente sei! Há quanto tempo estamos convivendo? Compartilhando pensamentos...”

“Não me lembre.”

“Tudo bem então.”

Zand segue em direção a um bar frequentado por aventureiros, chamado simplesmente A Praia. Apesar de não ser à beira-mar, há uns quatorze ou quinze anos era, quando se mudou mais para o centro, mantendo o nome.

Marinheiros e aventureiros em geral costumavam frequentá-lo. Depois da mudança de endereço, outros pontos passaram a ser mais frequentados, porém estranhamente, devido à fama adquirida, mesmo sendo perto do centro, muitos aventureiros fazem questão de ir ao bar-pousada A Praia. E terminou se tornando um lugar especial, onde se encontra mais a elite dos aventureiros de Wimow. Aventureiros novatos costumam ficar pela praia mesmo, mas os veteranos vêm à Praia.

“Nós já viemos aqui.”

“Eu sei.”

“Umas dez vezes...”

“Eu sei!!!”

“Alguém pode te reconhecer. Já pensou nisso, por acaso?”

“Agora sei porque você ficou tanto tempo naquela masmorra! Ninguém aguenta um mês com você tagarelando!”

“Agora você passou dos limites!”

“E vai fazer o quê?”

“Já aguentei seu mau humor até agora, mas chega!”

- Traz rum!

- Pois não.

Zand bebe ali no balcão, em solidão. Ainda há pouca gente no bar. Só um maltrapilho num canto e um grupo de aventureiros em uma mesa. Três magos, um bárbaro e um paladino discutindo qualquer coisa sobre missões recentes. Um grupo peculiar, não somente pelos três magos em um mesmo grupo, como pela presença de um guerreiro sagrado.

- Então sobraram 5409 pados. - O paladino fala. Pado é a moeda adotada em Wimow. - Não precisamos de tanto. Devíamos deixar no templo...

- Está louco?! - Um dos magos interrompe. - Podemos nos equipar, podemos investir... Podemos precisar desse dinheiro no futuro.

- Pra mim tanto faz, desde que me deem minha parte. - o bárbaro se pronuncia.

- Vamos dividir. É o normal em todo caso, não acham? - Outro mago fala.

- Vamos lá. Somos cinco. 5400 por cinco dá 1080 para cada. As outras nove a gente paga A Praia o que a gente consumir. Que dá pra tudo e sobra até gorjeta.

- Por mim tudo bem. - O mago que falara primeiro concorda, tomando outro gole de cerveja em seguida.

- É o justo.

- Tudo bem! - O paladino fala. - Eu farei a doação com a minha parte. Cada um faz o que quer e depois arca com as consequências de sua decisão.

- Tá, então vamos lá no palácio? - O mago fala. Zand ouve e fica ainda mais atento à conversa. Discretamente tomando seu rum.

- A gente não devia ir. - O outro mago que falara é quem reclama. - Não se confia em aristocracia, que dizer então da monarquia? Por mim, a gente continua para Wiogee.

- Vamos lá! A gente não precisa aceitar! A gente só ouve a proposta deles! - O primeiro mago fala.

- Nós devemos ir. - O paladino fala, decidido. - Não somos um grupo de mercenários. Temos que prezar pelo Bem. E onde há injustiça, não temos o direito de ficar calados.

- Temos... - O primeiro mago. - Mas não vem ao caso. Votação simples. Quem topa?

Junto com os dois, o bárbaro também levanta a mão.

- Pronto. Então vamos lá agora mesmo. - O paladino se levanta.

- Calma lá! - O mago que propusera a votação interrompe. - Está muito cedo! Vamos terminar a cerva! Depois a gente vai.

Zand nota que o paladino olha para um lado do bar, meio decepcionado antes de se sentar. Na direção do banheiro.

Ele se levanta e vai ao banheiro, para na volta ver o cartaz com a marca real pregado mesmo ali perto.

Episódio 06: Uma Nova Missão

“A Majestade Gyo I convoca homens de coragem e competência a se alistar para missão de importante repercussão para todo o reino. Haverá grata recompensa e oportunidades. Interessados procurem a guarita sudoeste do palácio.”

Zand olha com atenção o cartaz, então volta ao balcão.

“Parece mesmo uma boa. Rubi pode estar lá dentro e essa será uma grande oportunidade de procurar no castelo... Além do mais, a missão pode até mesmo ter a ver com ela.”

“Não se iluda tão fácil...”

“Mesmo que não tenha a ver com ela, é uma boa. Nem que seja para me dar recursos para continuar a missão.”

“Nisso concordo.”

“Então vamos lá agora mesmo.”

- Garçom? A conta!

- Bom dia, senhor. Veio se alistar?

- Uma missão que foi divulgada na Praia.

- Sim, certo. - O guarda sentado no balcão no típico uniforme salmão e vermelho do reino de Wimow analisa atentamente Zand.

- Vamos fazer o seguinte, senhor...

- Tzarend.

- Ok, senhor Tzarend de quê?

- Só Tzarend. Basta.

- Tudo bem, senhor Tzarend. Siga por esse corredor e entre na porta vermelha. Lá o senhor encontrará o general Plórius. Ele te atenderá e explicará os detalhes da missão.

Zand se vira e segue na direção indicada. Não é difícil encontrar a tal porta, que está entreaberta quando ele chega. Ao entrar, vê um homem forte com cabelos ruivos curtos e o mesmo uniforme salmão e vermelho, com a marca da patente em seu ombro direito. Está de costas no balcão, mas logo que nota a chegada de alguém, ele se vira com um sorriso no rosto.

- Bom dia! General Plórius às suas ordens!

- Bom dia. Sou Tzarend e vim pelo anúncio na Praia.

- Pois não, senhor Tzarend. Sente-se! - Com as mãos postas atrás e o peito inflado, o general caminha até a janela pensativo, então se vira para Zand, que acabara de se sentar onde o sargento indicara. - Qual a sua experiência em combates?

- Sou aventureiro há muitos anos. - Enquanto Zand fala, o general se aproxima do balcão e pega um papel e uma pena, para começar a escrever. - Fui treinado pelo mestre Willen, mas mesmo antes disso já participei de várias missões.

- Pode relatar alguma?

- Participei do resgate de...

- Espere. - O general se debruça sobre a mesa com ar de espanto. - São escamas de dragão?

- Sim, são.

- Quem fez?

- Eu mesmo, com...

- Esquece. - O general amassa o papel e joga fora, largando a pena para o lado. - Vamos ao que interessa então. Há um grupo de criaturas perversas perto de Ekriot. Conhece Ekriot? Aqui pertinho! Bem, um grupo daquele reino sombrio que você bem conhece está

instalado lá, conforme espiões nossos relataram. O que precisamos é de um grupo de aventureiros que vá lá no endereço que passaremos e confira se é verdade. Se for, que aniquilem todos. Queremos um grupo de cinco pessoas e temos 25.000 pados a oferecer para o grupo, além de reconhecimento pelos serviços prestados à coroa. Sabe bem como essa segunda parte da recompensa é até mais importante que a primeira, não é?

- Ok, tenho interesse na missão.

- Ótimo! Então está fechado e...

- Bom dia! General Plórius? - os dois olham para a porta e veem alguns aventureiros parados. Zand reconhece como o grupo exato que estava na Praia.

- Viemos por um anúncio de missão. - Um dos magos (o que era mais tagarela no bar) fala.

- Sinto muito, meus jovens... O contrato foi fechado com o grupo deste nobre.

O grupo olha com estranheza para Zand em seu manto desgastado.

- Acontece que não tenho grupo. - Zand se levanta. - Eu trabalho sozinho.

- Ah, nesse caso... - o sargento dá uns passos. - Nesse caso acho que terão que ir juntos. É norma do nosso reino contratar equipes quando temos missões a cumprir, e não uma pessoa só.

- É? Phioz, que acha? - O mago pergunta a alguém que estava mais atrás, e ele aparece na porta de olhos fechados. Com roupas claras e um ar que todos que conhecem seu tipo o classificariam automaticamente e sem erro: um paladino.

- Tudo bem. Podemos nos juntar nesta missão.

- Ótimo! Então está tudo resolvido! - o general esfrega as mãos e se senta ao seu birô. - Senhor Tzarend? Vamos então acertar...

- E os valores? - O mago interrompe.

- 25.000 pados para o grupo inteiro e vocês dividem aí.

- Vinte... e cinco... - O mago fica pensativo, olhando os colegas de equipe.

- Senhor Tzarend? Sente-se! Vamos acertar os detalhes da missão.

Episódio 07: A Casa do Mal

O paladino e o bárbaro nasceram na ilha de Awra; os três magos são de Krokan, uma cidade mais a oeste que fica aqui mesmo em Wimow. Pelo que entendi, estudaram juntos. E agora estão os cinco com Zand, já entrando em Ekriot. De fato Ekriot é bem perto de Ey Vudeon. Não mais que duas horas a cavalo.

Zand praticamente não perguntou nada sobre eles, nem tem falado nada a seu próprio respeito: só sobre a missão. Descobrir de onde eram os cinco foi ocasional. Uma ideia de Oatiw, o mago tagarela do grupo. “Vai que ele se abre mais depois de a gente falar um pouco de nós próprios.”

Ekriot especificamente é uma cidade relativamente pequena, como mais uma cidade pequena e normal.

- Onde fica esse lugar? - Oatiw pergunta.

- Rua Clã, 90. - Zand responde, quase de maneira automática.

“Que merda!”

“Quando é que você vai me deixar em paz, Eve?”

“Você tinha que aceitar estar num grupo cheio de magos?!”

“...”

“Era melhor termos vindo só nós dois.”

“É o que eu queria, mas você ouviu.”

“Saco!”

“A viagem toda falando disso! Dá pra ficar quieta um instante ou é pedir demais?!”

- E onde fica isso afinal?

- Calma, estamos chegando.

De fato não demora e estão todos diante do prédio. Uma casa grande de esquina, com ar de abandonada e uma escada levando da rua até a porta. O grupo passa discretamente e amarram seus cavalos a mais ou menos um quarteirão dali. Então voltam a pé, pelo lado da casa.

- O que faremos agora? - Aowo, o mago de chapéu engraçado pergunta, enquanto olha para a casa.

- Phioz, pode ver se sente alguma presença maligna na casa? - Zand pergunta ao paladino do grupo.

- Mesmo! Boa ideia! - Oatiw comenta com um tapinha nas costas de Zand.

“Ai que saco! 'Boa ideia'?! Desde quando o paladino perceber se há mal é uma 'ideia!? Isso é o mais básico dos básicos! Paladinos que ainda usam frauda já fazem isso sem ninguém precisar lembrar! Que droga!”

“Calma, Eve.”

- Qual a experiência de vocês em aventuras? - Zand fala bruscamente, virando-se para eles.

“Boa!”

“Quieta!”

- Bom, nós cursamos por nove anos a escola de magia de...

- Estou falando de experiência prática, não de estudo em jaula.

- Na verdade...

- Temos uma missão maior. - É Phioz, o paladino, que responde então - Os caminhos da justiça nos levam a Wiogee. Estamos nos primeiros passos da jornada.

- É, mas já enfrentamos perigos! - Aowo complementa – Pegamos um grupo de assaltantes da estrada e escoltamos duas vezes comerciantes lá em Awra.

- Isso não é experiência...

- E os nove anos de estudo?!

- Não dá pra viver sem eles, mas isso é só o começo. Perto do mundo real suas academias não valem nada.

- Espera, também não é assim...

- E aí? - Zand questiona de Phioz.

- O quê? Ah, sim! Maldade! Espera que vou verificar...

“Até o paladino pegou a burrice dos magos! É o fim!”

- Há dois focos de maldade.

- Então os espiões estavam certos. - Zand fala. - Onde eles estão?

- Espera, deixa eu desenhar...

- Não precisa! Diga! Apenas diga! Perto da entrada? No fundo da casa? Pelo lado? Eles estão juntos? É tão complicado assim!?

“Calma Zand...”

“Já disse que...”

“Tá, Tzarend!”

- Estão no fundo, juntos, mais ou menos ali, antes do quintal.

“Eve? Tem como derrubar a parede?”

“Não devia fazer isso, você tem me tratado muito mal.”

“Tá virando 'maga' agora?”

“...”

“...”

“Está bem. Vamos.”

- Vamos.

- E como a gente entra? - Oatiw pergunta.

- Venham e verão. Cerquem para que não fujam. Deixem os homens cuidarem disso. - Fala, especificamente para os três magos.

- Ei!

Não há mais tempo para reclamarem. Zand salta e a um toque de Eve a parede se desfaz em tijolos. Em um instante ele está dentro.

Os olhos vão voltando ao normal e ele finalmente vê os tais dois focos de maldade: duas armaduras completas de metal, com luz vermelha no lugar dos olhos.

“São golens!” Eve, surpresa.

“Provavelmente.”

“Salta!”

Mais por pura confiança na parceira, Zand salta, mas antes, num panorama geral pelas mãos e postura das criaturas, ao constatar que não parecem preparar algo, ele salta justamente contra uma delas.

Decisão acertada. No instante em que salta, ouve a confusão que deixou para trás. Não havia só duas criaturas na casa.

Em alguns golpes, uma das armaduras perde um braço e recebe vários cortes. As luzes no lugar dos olhos apagam: era mesmo um golem.

“Separe o busto!”

“Como assim?”

“Como uma estátua!”

O outro golem se vira assustado, tentando fugir, mas Zand consegue cortá-lo na altura do diafragma, enquanto ouve ruídos estranhos na confusão com a equipe de aventureiros. “São animais selvagens?” Mais dois movimentos e logo o segundo golem está sem os braços. E as luzes continuam acesas, mas agora é inofensivo.

“Não sabia que entendia de golens.”

“Seus amigos maguinhos precisam de ajuda...”

Episódio 08: De Volta à Capital

“Quem diria... Eu que tenho que cuidar de tudo sozinho...”

“Não se esqueça de mim, Tzarend.”

“Tá, Eve...”

“Pelo menos acabou.”

Eram seis golens de cervos, que perambulavam pela casa. Eles saltaram contra os invasores e terminou que enquanto Zand derrotava os pensantes, os golens mecânicos atacavam o grupo inexperiente.

O resultado é que agora estão voltando. Zand com o golem ainda “vivo”, mas anulado. Oatiw está cheio de pano estancando as feridas. Zand insistiu que ele ficasse em Ekriot com Trutre, outro dos magos. Este, o único totalmente ileso no confronto com os cervos. Mas ele insistiu.

- Não pode me curar de novo? - Oatiw pergunta para o paladino, que também está mal, com o braço esquerdo bastante machucado e com arranhões pelo resto do corpo. O bárbaro não está muito diferente disso.

- Não sou clérigo, sou um paladino. Já fiz o que estava a meu alcance.

- Que porcaria! Não melhorei quase nada.

- Não fosse por mim, aquele corte no seu intestino ainda estaria aberto.

- Grande coisa...

“Vamos matar esses idiotas?! A gente diz pro general que eles morreram em missão!”

Um sorriso de ironia aparece discretamente nos lábios de Zand. E eles prosseguem.

Já passa da metade da tarde quando eles chegam ao castelo de Reck/Gyo. Ao notarem a chegada do grupo, prontamente um dos guardas corre para dentro. Zand não perde tempo e vai com o “prisioneiro” até a sala do general.

- Senhor Tzarend! Vejo que é rápido e eficiente em cumprir missões! - Ele grita animado. - Eu poderia até perguntar por que ainda não partiu para a missão, se eu não notasse que traz algo consigo. O que é?

- Um dos dois inimigos que se encontravam na casa – E coloca o busto sobre o birô.

- Hmmm... Interessante... Não era uma pessoa normal e ainda está vivo. Você realmente me surpreende.

- Depois pode interrogá-lo para descobrir tudo o que queria. Agora, vamos ao acordo.

- Sim, claro! Vamos buscar o pagamento merecido! Basta me seguir até...

- Preciso do pagamento, mas também preciso de outra coisa.

- Em que posso ajudá-lo? - o general se senta ao lado do prisioneiro, encarando Zand com curiosidade.

- Estou à procura de uma mulher. Uma ladra perigosa, dissimulada e experiente.

- Certo... Como ela é?

- Vinte e poucos anos, de cabelos ruivos curtos, dessa altura...

- Não tenho notícias... Na verdade, já faz um bom tempo que não tenho notícias de ladras perigosas. - Encara Zand – Tenho certeza de que ofenderia sua experiência e seu orgulho caso apresentasse as ladras que conhecemos. Acho que sei o tipo que você procura, mas faz tempo que não passa uma por aqui. Só prostitutas espertas demais e vagabundas. Nada mais.

O general olha com certa inquietude para o prisioneiro. Olha para Zand por uns segundos, mas ele nada diz. Então caminha até a porta e grita para um dos guardas.

- Soldado? Venha até aqui! Fique de olho no prisioneiro! Se algo acontecer, faça-me saber!

- Sim, senhor!

“Não desanima, Tzarend... Você não queria poder entrar no castelo?”

- General?

- Pois não, Tzarend?

- Gostaria de autorização sua para entrar no palácio apenas para observar.

- Em busca dessa tal criatura... Entendo... - Ele para à porta, pensativo. - Está bem, mas entenda: não é permitida presença de estranhos por aqui. Vou te permitir apenas como um reconhecimento pelo excelente serviço que prestou à Coroa. E apenas por um horário.

- Deve servir. Obrigado.

- Amanhã após o almoço, procure-me.

- Ei! - Trutre acena e corre até eles. - Estão tratando de todos.

- Ótimo. Venham comigo. - o general fala. - Vamos ao pagamento.

Ele segue pelo corredor, seguido por Zand e Trutre.

Episódio 09: Um Bardo na Praia

“Acha mesmo que ela vai estar aqui? Nesses bares fracos?”

“Está bem, Eve. Vamos à Praia então.”

Zand deixa um dos bares à beira-mar de Ey Vudeon. Já andou por um bom punhado deles. Poucos têm clientes a essa hora. Os que têm são marinheiros ou aventureiros que os acompanham. É final de tarde e a noite começa a se aproximar. Então ele parte para o irônico bar a Praia.

- Tzarend! Aqui! Junte-se a nós! - Mal Zand entra e já encontra o grupo de aventureiros ali, comemorando.

- Onde está Oatiw?

- Descansando. Foi demais pra ele hoje. - É o paladino quem responde. - Sente-se, Tzarend! Pode ficar à vontade!

Zand se senta e presta mais atenção ao movimento. Há mais mesas ocupadas, mais aventureiros. Um sujeito lhe parece familiar próximo ao balcão, mas ele logo é chamado ao assunto da mesa.

- Estamos indo a Wiogee. - O paladino fala para Zand, e completa. - Poderia vir conosco.

- Tenho minha própria missão a cumprir.

- Entendo, mas se...

Um som de lira começa a soar pela Praia. Todos olham para o balcão. Exatamente aquele sujeito de trajes alaranjados é quem toca a lira.

- Trago notícias de outras terras! Nobres aventureiros, mal sabem o que há. É a o ciclo da História se movendo!

“No reino de Noak, aqui do lado
Uma tragédia se abateu
Um golpe de estado e num instante
Toda a monarquia morreu!

O Rei e a Rainha Fuzeddin
Nesse golpe tão de repente
Foram mortos, com seus serviçais
E todos os seus descendentes!

Quem imaginaria tal perversão
Um golpe e então novos reis?
No reino de Noak, aqui do lado
Mas o inesperado se fez!

Um novo rei, nova rainha
Que tomaram o poder a força
A confusão está criada
Tudo por um homem e uma moça

Ainda vai levar uns anos
Pra Noak se estabilizar
O golpe foi forte e agora
É tempo de se organizar!

Poucos já ouviram dos dois
Que deram esse golpe fatal
Foi um casal de criminosos
Eu posso cantar o final?"

Ele encara Zand, que já está bem próximo do balcão e do bardo.

- Prossiga.

"Noak está sitiada
Soldado que não acaba mais
Por todo e qualquer caminho
Ninguém mais entra e nem sai

Com força e muita tirania
Como há muito tempo não vi
Começa a nova dinastia
Raxx: por Halkond e Rubi"

Todos se assustam no bar quando Zand bate no balcão com toda a força.

- Ora, meu amigo

“Oh calma, meu bom companheiro
Que sua força assim desperdiça
Não fiz esse golpe de estado
Sou bardo, só trago a notícia!”

Zand se recompõe, agradece e deixa pago o bar e paga o bardo pela informação.

- “Ora, meu caro. Obrigado!
E eu posso estar enganado
Mas sei que conheço esse rosto
Apesar de estar bem mudado

Esse mundo é mesmo pequeno
Bem menor que o que se diz
Me diga se eu estou certo
Isso me fará bem feliz!
Acaso não és do meu ramo?
O Zand, meu jovem aprendiz?”

Zand nega com a cabeça, agradece sem soltar uma palavra e deixa o bar.

“Quem era ele?”

“Altapion.”

“Quem é Altapion?”

“Foi meu mestre bardo, quem pensei que estivesse morto.”

“E se decepcionou por não estar?”

“Não. Mas tenho mais o que fazer do que reviver um passado que não volta. E agora que sei exatamente onde Rubi está, vou agora mesmo atrás dela.”

Episódio 10: O Melhor Caminho

Zand caminha pela rua decidido. Um grito vem de trás.

- Ei! Tzarend! - É o paladino Phioz. - Ei, que bicho te mordeu?

Zand continua, apenas diminui o passo para que Phioz consiga acompanhá-lo.

- O que houve? Pareceu muito abalado! Noak é sua terra?

- Não tenho terra.

- E então...

- Encontrei a pista que procurava há meses.

- Entendo. Você conhece esses bandidos que deram o golpe em Noak, não é?

- Digamos que sim.

- Se não tivéssemos nossa própria missão em Wiogee, eu adoraria acompanhá-lo. Você é um guerreiro muito bom!

- Agradeço, mas nessa eu prefiro ir sozinho. Além do mais, é importante vocês seguirem seu caminho, ele tem muito a lhes ensinar ainda.

- Tudo bem. Então - E pára Zand, colocando a mão esquerda em seu ombro, estendendo a direita para um aperto de mãos. -, boa sorte! Espero nos vermos por aí.

- Para vocês também.

“O que vai fazer?”

“Estamos indo buscar o Tornado para partirmos.”

“Agora de noite? Assim do nada?!”

Zand não responde aos questionamentos de Eve, enquanto segue apressado pelas ruas escuras de Ey Vudeon.

“Então eles utilizaram o tesouro de Knova para articular um golpe de estado em Noak...”

“Quem diria, não é? Rei Halkond e Rainha Rubi...”

“Não por muito tempo.”

“Ei, Tzarend... Você ouviu o que ele disse sobre soldados bloqueando a entrada?”

“Claro, mas isso não vai me deter.”

“Certamente. Certamente você derrotaria todos os soldados que houvesse no caminho. Mas certamente isso

alertaria a Rubi e daria tempo de ela deixar o palácio ou se preparar melhor para recebê-lo.”

“Não tem problema.”

“Ah, tem. Você sabe como ela é sagaz.”

“E o que sugere, 'gênia da estratégia militar'?”

“Por mar!”

Zand pára por um instante.

“Até que não é má ideia. Só que é um caminho que levará muito tempo.”

“Nem tanto. O tempo a mais será compensado pelo fator surpresa.”

“Mas Beniw não é uma cidade costeira como Ey Vudeon.”

“Não, não é, mas a capital de Noak é muito mais perto do mar do que das fronteiras com Wimow.”

“Tem razão. É um caminho longo demais da fronteira até Beniw. Vou por mar.”

“Ótimo, então vamos voltar ao Hotel Prata e descansar, que marinheiro dorme e acorda com o Sol.”

“Eve, entenda uma coisa. O fato de eu ter aceito uma sugestão sua não significa que você manda em mim.”

“Quem te disse que eu mando em você?”

“Basta ver o modo como fala.”

“Escute aqui você, eu estou me empenhando em te ajudar nessa missão que você inventou e...”

“Inventei?! E agora eu inventei! Não se esqueça que fui eu que te resgatei daquela masmorra...”

“Com que objetivo?! Oh, Zand salvador de pessoas aprisionadas em objetos mágicos!”

“E para de me chamar de Zand! Já te disse que Zand morreu!”

Eles voltam ao Hotel Prata, onde Zand descansa (ou tenta) esperando pelo amanhã que não tarda.

Episódio 11: Em Busca de um Navio

Os primeiro raios de Sol tocam as praias de Ey Vudeon. Zand já está ali, olhando o mar imenso à sua frente. Dali já vê embarcações ancoradas ao longe. Sem perder tempo, ele segue pela praia em busca daquela que o levará a Noak.

Aproxima-se de um barco um tanto descuidado, de médio porte. Chama e logo vem um jovem no típico estilo marujo.

- Oi.

- O capitão está?

- Está em terra. O que você quer?

- Preciso viajar para Noak.

- Acho difícil. Estamos indo pra Awra.

- Ok então.

E Zand segue pela costa. Mais à frente há um navio com ar um tanto hostil escrito “Vorpal”. Zand vai em sua direção.

Não precisa fazer muito esforço para encontrar os tripulantes da Vorpal. Antes mesmo de chegar ao barco,

Zand ouve gritarias vindo da terra. São a tripulação, voltando ao navio.

- Quem é o capitão de vocês?

- Pra quê quer saber? - Um deles pergunta, mostrando os dentes. Outro a seu lado (“apoiando-se nele para não cair” seria uma expressão mais precisa) sorri ainda com uma garrafa na mão.

- Preciso chegar a Noak.

- Boa sorte! Estamos indo a Aklia.

E eles sobem o barco animados. Zand continua. O barco seguinte tem escrito “O Seis” e parece um tanto arrumado, apesar de pequeno. Zand se aproxima pela ponte de desembarque.

- Olá, senhor! O que procura? - Um homem está limpando o chão e se apoia no rodo para falar com Zand.

- O capitão.

- Pois já o encontrou! Em que posso ajudá-lo?

- Preciso ir a Noak. O quanto antes!

- Hmmm... Há realmente um problema... Estou indo a Ey Vieo. Se quiser carona até lá e de lá tentar arrumar outro transporte, pode vir.

“Está difícil...”

“Há mais barcos por aqui. Seria bom ver se não há um que...”

- Que horas parte?

- Ah, só após o almoço. Caso queira nos acompanhar, basta vir aqui assim que terminar de almoçar. Não esperaremos muito.

- Ok, obrigado. Vou ver...

- Claro. Ver se acha um que vai direto ao seu destino! Muito sensato! Se não encontrar e quiser ir a Ey Vieo apareça.

- Tudo bem. Se não encontrar eu volto.

Zand segue e encontra outros barcos. E ou o capitão não está presente, ou vão para outro lugar. Mais frequentemente, as duas coisas ao mesmo tempo.

“Dia Bom... Espero que seja um bom sinal...”

“Já é o décimo navio...”

“É... Vamos ver no que dá.”

Ele se aproxima e encontra dois rapazes encrencando, um empurrando o outro enquanto um terceiro apenas ri, esfregando o chão com um pano.

- Ei!

- Oi! - O que ria se volta para Zand, que chegara pela rampa.

- Onde está o capitão?

- Quem é você? O que quer com ele?

- Preciso viajar para Noak.

- Noak? Hmmm...

- Vocês estão indo para lá?

- Não sei. Só falando com o capitão.

- E onde ele está?

- Ah, ele saiu desde ontem de noite. Disse que ia à praia com a turma.

- Ok, vou procurá-lo.

“À Praia...”

“É, Eve...”

A Praia já estava aberta e Zand entra e se dirige ao balcão. Há poucas pessoas por ali, mas há mesas ocupadas. Há

duas mesas com uma pessoa cada, mais um homem no balcão e uma mesa tem seis pessoas.

- Sabe onde encontro o capitão da embarcação Dia Bom? - Zand pergunta ao dono do bar.

O homem que estava do seu lado bebendo começa a rir. Encara Zand um pouco e faz sinal para que o siga. Vai até a mesa onde há seis pessoas comendo o desjejum.

- Capitão!? Acho que estão te procurando...

- Quem? - Um homem de óculos levanta os olhos quase instantaneamente em direção a Zand.

- Aqui está. - O guia sorri mais uma vez para Zand, fechando os olhos numa risada muda. Então fica quase sério de repente. - Eis o nosso capitão da Diabo M!

Episódio 12: Todos a Bordo

- Capitão Ched. Em que posso ajudá-lo? - O homem de óculos olha para Zand preocupado, como se estivesse tentando descobrir o que se passa em sua mente. Do seu lado um homem sem uma orelha olha em volta, antes de encarar Zand da mesma forma. Os outros olham com alguma curiosidade também.

Não é difícil para Zand deduzir que está diante de um grupo de aventureiros.

- Preciso ir a Noak.

- A Noak mesmo? - Eles se olham, cada um com uma expressão diferente.

- Estou indo a Beniw.

- Sinto muito, mas não vai encontrar uma embarcação que te leve lá. - Um outro na mesa fala, de barba rala e chapéu curvado, com ar esnobe. - Beniw não é uma cidade costeira. Hahaha!

- Been... - O capitão Ched o repreende, então continua. - Ok, senhor, não me interessa no momento saber o que busca em Beniw. Só me interessa saber duas coisas.

Primeiro, o que a marinha de Noak achará disso. Segundo, o que está propondo em troca.

- Estou indo para um acerto de contas. E eu vou pagar pelo serviço.

- Sabe que lá o clima não está muito bom, não sabe?

- Pouco me importa.

- Então tem mais causas para ir do que para não ir...

- Correção. Tenho muitas causas para ir, nenhuma para não ir.

- Bem, vamos acertar valores...

A embarcação é um tanto grande. Tem canhões e uma tripulação um tanto grande. Zand vai até o Diabo M com os 14 tripulantes que estava na Praia.

Capitão Ched, Been e outros tantos. Gwat é o nome daquele sem orelha. Não saiu de perto de Ched em nenhum momento da negociação e era constantemente consultado com o olhar.

“E pensar que antigamente meus pais queriam que eu fosse marinheiro...”

“Eles não me parecem exatamente marinheiros...”

“Eve...”

“Oi...”

“Você continua se intrometendo em meus pensamentos.”

“Foi sem querer. É difícil saber quando você está falando comigo e quando não está.”

“Você me irrita.”

“Cuidado com esse povo todo.”

“Eu sei o que estou fazendo.”

“Espero que dessa vez sim.”

“O que quer dizer com isso?”

“Não nada...”

“Olha, eu devia aproveitar a viagem pra jogar você no meio do mar.”

“Você não teria coragem.”

“Você acha que...”

- Tzarend! - Um homem vestido com uma capa vinho se aproxima com um livro na mão. Zand olha, tentando lembrar seu nome. - Breig! Chamo-me Breig!

- O que há?

- Já estamos partindo, amigo. - Seja bem-vindo à embarcação.

- Por que Diabo M?

- É uma história interessante. Eniu ainda vai cantar essa história uma noite dessas.

- Eniu?

- Nosso amigo bardo. Mas adianto que é tão antiga que é anterior ao capitão Ched. - Ele faz uma pausa para ver melhor a expressão de Zand – É, meu amigo, é uma longa história... A Diabo M não é uma embarcação construída ontem. Há viventes neste navio que são mais novos que ela. Bem vi que és um guerreiro experiente. Posso te fazer uma pergunta?

- Depende.

- O que trazes sob o manto é mesmo o que penso que é?

Zand olha com um ar de desinteresse sequer em formular uma resposta.

- Uma armadura de escamas de dragão vermelho?

- Por quê?

- Não, só curiosidade! Bem, preciso estudar. Prazer tê-lo a bordo e vamos chegar em Beufy em dois tempos.

“Beufy...”

“E Beufu... As duas cidades costeiras mais próximas de Beniw.”

“É, Eve, eu conheço essas cidades.”

“E Beufan, um pouco mais distante... As costeiras de Noak. Como as cidade Ey Vudeon e companhia em Wimow...”

“Beufan? Não existe mais. Virou Kreuk.”

“Sério?”

“Sério.”

- E aí Been! Eu ganhei! - O tal de Breig fala ao longe com aquele sujeito de chapéu curvado. - É uma armadura de dragão vermelho.

- Ah não, sério? Droga! E eu que invento essas apostas pra depois perder...

- Depois você me dá a adaga de prata.

- Droga!

Pouco depois, a Diabo M deixa Ey Vudeon e segue rumo a seu novo destino...

Episódio 13: É o Barco mais Ligeiro

Todos na cabine. Um barril de rum à vontade. É a forma da Diabo M comemorar uma nova missão. É a primeira noite em mar e já deixaram claro que não tem festa toda noite não... Zand bebe também, mas apenas observa.

Já notou como o tal Been é viciado em jogos: já está ali jogando baralho com mais três num canto.

“Já notou aquele ali?”

“Quem, Eve?”

“Aquele encostado na porta.”

“O que tem ele?”

“Parece com você. Fica sozinho, bebendo e observando tudo...”

Um rapaz entra correndo e esbarra em um dos que conversavam no meio da cabine.

- Ei! O que está fazendo, pirralho?!

- Desculpa, Uglu... Foi sem querer. É que o Phyha... - E aponta para fora, com a cara assustada.

- Ei, Uglu! - Breig, que estava encostado num canto lendo e bebendo, resolve intervir. - Vamos parar! Foi um acidente, ele já pediu desculpas.

- Acidente?! Acidente é eu dar um nó nas pernas desse moleque e jogá-lo no mar! Isso que seria um acidente!

- Gente! - Been deixa o jogo de baralho e vem ajudar. - O que é que há? É hora de diversão!

Um bárbaro bem grande chega, pega o rapaz pelo ombro e o conduz para fora da cabine, quase gentilmente. Pelo menos parecendo tentar ser gentil. Então volta encarando o Uglu.

- É todo mundo contra Uglu agora!? - Outro vem empurrando o bárbaro.

- Isso não tem nada a ver com você, Di.

- Tudo que diz respeito a meu irmão tem a ver comigo sim!

A porta do outro lado se abre e subindo a escada vêm o capitão Ched e Gwat, seu braço direito.

Ched olha rapidamente para cada um do recinto (e para as janelas, onde vê dois dos rapazes observando curiosos), enquanto Gwat pega um copo de bebida com o tripulante que estava apoiado no barril e caminha até o tal

bardo da Diabo M, que está espalhado pelo chão num dos cantos.

- Já chega! Não quero confusão aqui! Vocês não são crianças!

- Ora, e quem te deu direito de falar conosco assim? - Uglu pergunta com desdém.

- Quando vocês resolverem agir como adultos, eu terei todo o prazer em tratar vocês como adultos. Até lá, se acostume. Eniu?

O bardo já está de pé, meio desajeitado enxugando do rosto a bebida que Gwat acabara de jogar.

- Fala, capitão...

- Toque algo que nos anime! Anda!

- Bora lá... - Ele cambaleia um pouco com seu tambor e começa.

"Essa é a Diabo M
Nossa frota em alto mar
É o barco mais ligeiro
Que você vai encontrar!

Nas mãos do capitão Ched
Nós iremos navegar

É o barco mais ligeiro
Que você vai encontrar!"

- Não esquenta. - Um cara magro vestido em um manto fino e escuro começa a puxar assunto com Zand. - É sempre assim mesmo. Uglu é muito esquentado e arruma confusão por qualquer coisa.

Zand não demonstra muito interesse na conversa e ele continua caminhando pela cabine com a bebida.

- "Foi lá nas praias de Azt
Que eu fiz essa cantiga"

"Desde quando Azt tem praia?"

"É, no meu tempo mesmo não tinha... Acho que esse sujeito bebeu um pouco e está trocando as bolas. Deve ser isso..."

- "Quem quiser ser mais ligeiro
Do que minha cantoria
Tem que treinar um bocado
Treinar de noite e de dia

Pois enquanto tem bebida
Eu me garanto no cantar

Enquanto tem bebida
Vamos todos festejar!

Essa é a Diabo M
Nossa frota em alto mar
É o barco mais ligeiro
Que você vai encontrar!

Nas mãos do capitão Ched
Nós iremos navegar
É o barco mais ligeiro
Que você vai encontrar!"

Todos cantam junto essa parte, como um refrão. O capitão Ched bate palmas timidamente. Do outro lado, o tal sujeito que Eve notou continua lá. Quieto, bebendo e observando, ou só pensando na vida.

- "Saímos de Ey Vudeon
Por ordem do capitão
Vamos nós dentro dos mares
Em uma nova missão

Jenofina que não veio
Se ela estivesse aqui
Faria tudo pra ver
Eu cantar e eu sorrir

Essa é a Diabo M
Nossa frota em alto mar
É o barco mais ligeiro
Que você vai encontrar!

Nas mãos do capitão Ched
Nós iremos navegar
É o barco mais ligeiro
Que você vai encontrar!"

Episódio 14: Terra à Vista

No início era apenas um sinal de terra no horizonte. Com o tempo é que o pedaço de terra foi se tornando cidade. Claro que a presença de mais barcos já denunciava antes mesmo de verem os sinais de terra. Zand observa da Diabo M, Ey Vieo se mostrar aos poucos...

- É uma bela cidade! - Um guerreiro com uma faixa vermelha na cabeça observa, ao lado de Zand. - É sim! Eu gosto de vir para cá. Cidade turística, sabe como é...

"Pelo visto a cidade mudou pouco desde a última vez em que vim."

"E eu com isso?"

"Tzarend..."

"Cansei de você, Eve."

- Vamos, Tzarend? O capitão está chamando.

Todos se reúnem na cabine. O capitão entrega um pequeno saco de pano ao bardo Eniu e ele vai passando com esse saco de pano por cada um da tripulação. Cada um tira de dentro uma pedra.

- Como todos sabem. - O capitão começa a falar, enquanto o segundo da tripulação está tirando sua pedra. - Todos, exceto Tzarend. A cada cidade onde vamos dormir uma noite um dos homens tem que ficar tomando conta da Diabo M, junto com os moleques. É só para precaução, Tzarend. Nunca se sabe o que pode acontecer. Como vocês sabem, quem ficou de guarda da última vez está liberado hoje, por isso é o Eniu que está distribuindo as pedras. Hoje as pedras verdes vão com a gente e a pedra negra fica.

- Droga! - Aquele mesmo guerreiro, que falara há pouco com Zand, olha com tristeza todos à sua volta.

- É, Di, acho que você vai ter que dormir aqui desta vez.

- Não, cara! Eu adoro Ey Vieo! Dá pra trocar com alguém não?

- Regras são regras.

- Ele tem que ir conosco! - Uglu, que estava ao lado de Di, grita e encara o capitão.

- São as regras. Temos que seguir.

- Sendo assim eu fico também. Não vou deixar meu irmão aqui abandonado.

Um riso se ouve no recinto e Uglu fica nervoso.

- Querem parar com isso?! Quem foi que riu? Apareça que eu dou motivo pra se divertir!

- Toma essa bosta! - Di joga a pedra no chão e sai da cabine.

- Bem, então está tudo certo. Eniu, recolha as pedras!

“Esses irmãos gostam mesmo um do outro. Dá pra ver claramente que os dois são fortes, que não precisam de proteção, mas mesmo assim parece que não gostam de ficar afastados. Interessante ver isso.”

“É...”

Zand sai e vê os irmãos conversando popa. Uglu volta para a cabine e deixa Di ali olhando a imensidão do mar. Zand se debruça sobre a grade a dois metros de Di.

- Detesto quando ele usa pedras negras... Nunca me dou bem com elas... Eu sabia que ia sobrar pra mim quando ele falou que a pedra maldita era negra. - Ele para por um minuto, como se precisasse tomar fôlego. - Ele tem uma coleção de pedrinhas desse tipo, de várias cores. Toda vez ele muda qual a maldita e quais as outras. Porque assim não tem como a gente adivinhar qual a certa antes de tirá-la do saco, só pelo tato... Mas é assim mesmo.

“Parece mesmo decepcionado ele.”

“Não brinca...”

- Eu queria muito ir... Sabe? Tenho alguém nessa cidade que eu precisava ver.

O silêncio de Di é rompido apenas pela discussão dos rapazes, enquanto esfregam o chão perto da cabine. Uma forma de revolta por nunca poderem ir à cidade, por serem tratados como escravos e reclamações do gênero.

- Tudo bem... Tzarend, poderia me fazer um favor? - Zand apenas olha, esperando que Di conclua a frase. - Gostaria que entregasse uma carta. O endereço é fácil, fica mesmo no centro de Ey Vieo. É algo importante, entende?

- Por que não pede...

- Não confio neles... Só no meu irmão, que vai ficar por aqui também.

- E quanto a mim? Faz poucos dias que me conhece.

- É, mas eu tenho minhas razões. Tenho razões para desconfiar de cada um da tripulação. O capitão sabe muito bem que gente juntou, você notou como está sempre paranoico? De você não tenho ainda razão para desconfiar, pelo menos até agora.

- Tudo bem, eu levo.

- Como vamos chegar só no fim da tarde, ainda vou escrever. E te entrego, tudo bem? - Estende a mão para Zand. - Não imagina como fico grato com esse favor.

Episódio 15: Ey Vieo

Poucas praias, muitos rochedos. Casas fazem ruas estranhas subindo nos morros de pedra no decorrer do litoral. No topo de um dos rochedos, um tanto distante mas também à beira do mar, pode-se ver claramente o templo ecumênico, erguido de mármore. Enorme e branco, é o ponto mais conhecido da cidade e não é difícil perceber a razão. É majestoso e transmite toda uma paz a um mero olhar. Também é raro templos assim, que servem à adoração de todos os deuses. É fim de tarde.

Zand e os outros homens da Diabo M colocam os pés no chão.

- Bem, aqui estamos! - Alguém falou. - Vamos à Corvo Bebum!

“O que é isso?”

“É um bar e hospedaria, Eve. É um ponto forte aqui em Ey Vieo.”

“Que nome estranho!”

- E mais tarde... - Been ajeita o chapéu nas mãos, pouco antes de colocá-lo na cabeça novamente. - ...vamos dar um pulinho na casa da Greka!

A turma segue eufórica entre aquelas ruas estranhas, apertadas e ladeirosas. Alguns curiosos com sua passagem, mas a maioria parece não estar nem aí...

“Dinastia Raxx... Rubi Raxx... Tudo o que ela queria era poder e riquezas que lhe garantissem uma vida de rainha. E deram o golpe de estado, dominando o exército de Noak rapidamente. Como é comum em política entre reinos, e como as relações de Noak com os outros reinos sempre foi morna, isso parece não ter atraído a atenção das outras nações.”

“Talvez elas estejam esperando as coisas andarem um pouco mais, para sentirem onde exatamente Halkond e Rubi querem chegar, antes de tomarem uma posição a respeito.”

“Eve!”

“Que foi?”

“Deixa pra lá...”

Com uma ótima vista para a cidade e muitas mesas a céu aberto. Com a escultura de um corvo cambaleando sobre o telhado. Assim é o bar Corvo Bebum.

Quartos e mesas para nove pessoas, e logo estão eles bebendo e conversando besteira noite adentro. Zand apenas observa, bebendo muito pouco.

Logo Zand está ali, deitado em um dos quartos, olhando para o teto, tentando dormir.

“Talvez você tenha se precipitado muito, sabia?”

“Por que diz isso?”

“As outras nações devem estar preocupadas com o golpe, mas ninguém quer uma guerra a essa altura. Talvez você conseguisse apoio de Wimow e Surdi, que são reinos vizinhos.”

“Talvez...”

“Em Wimow você já tinha um contato muito importante, e tem a confiança do general. E Surdi é enorme e tem uma área muito vasta de fronteira com Noak.”

“Certo, mas você sabe muito bem que essa briga é pessoal.”

“Claro, mas você também sabe muito bem que pra certo tipo de confronto um grupo pequeno e altamente competente é muito melhor que um batalhão de soldados. Talvez você conseguisse aliados e recursos para a missão.”

“E talvez se passassem meses até conseguir isso. Não importa mais.”

“Calma, é só uma ideia.”

“Uma ideia estúpida e que vem na hora errada.”

E Zand adormece, frustrado com tudo.

Rua Céu Azul. Ainda é muito cedo e poucas lojas abriram. Zand procura o número 53.

“...porque ainda há tempo de voltar para Ey Vudeon e procurar o general Plórius. Tem certeza de que...”

“Cala a boca, Eve!”

“Tenho certeza de que ele teria interesse em financiar essa missão.”

“Pra quê?”

“Equipamentos, contratar um pequeno grupo de apoio...”

“Ali!”

“O quê?”

“O endereço! Encontrei.”

“Você está me escutando?”

“Infelizmente.”

- Bom dia.

- Bom dia. Pediram para entregar isso.

- Hmmm... De Di. Tudo bem, muito obrigado.

Antes de ir voltar para o Corvo Bebum para tomarem café e partirem de Ey Vieo, Zand olha em volta. Baús, caixas e bolsas por todo o estabelecimento.

- Vocês vendem baús!? Cadeados também?

- Temos sim.

Zand olha para a Eve-64 por um instante.

- Vocês têm um onde caiba isso?

Episódio 16: Dias de Paz

De novo em alto mar. Zand sorri olhando o horizonte. Não um sorriso completo. Sorri aproveitando horas de paz, que se tornaram mais frequentes desde que comprou um baú em Ey Vieo para servir de “casa” para Eve-64.

Já se sente um tanto à vontade junto da tripulação. Os irmãos encrenqueiros, o bardo com tambor, o bárbaro mudo de nascença... Aquele barco negro parece realmente bom e, agora que está distante de Eve, experimenta uma paz especial.

“Meus pais estavam certos sobre o mar? Eu devia ter sido marinheiro?”

Observa, pensativo. Ainda é cedo do dia e alguns ainda dormem.

“Ainda não pensei no que vou fazer depois disso tudo. Só tenho pensado em Rubi. Isso não é bom. E depois? Está aí um caminho: depois posso virar marinheiro.”

Sorri olhando ao redor. O capitão está chegando. Vai em direção ao leme para que Edrio possa ir dormir. Edrio, o bárbaro mudo. Parece boa pessoa, de qualquer forma.

A essa altura já sabe também que existem três pessoas de nome Phri na Diabo M: um ladrão, um pirata que adora encher a cara e um dos rapazes que ajudam na embarcação. Isso é um pouco confuso no início, mas depois passa e fica muito normal quando Phri, Phri e Phri se tornam Croan, Xovi e Pyau. Claro que nenhum gosta de ser chamado pelo segundo nome e, no fim das contas, quase que apenas o Phri adolescente que é tratado assim, como Pyau.

Zand se dirige ao capitão, que nota sua presença de longe. É outra coisa também facilmente percebida a essa altura por Zand: o quanto Ched é paranoico.

- Bom dia! - Zand cumprimenta.

- Bom dia, Tzarend!

- Como estamos?

- Bem. Creio que ainda hoje chegaremos a Ey Dlir.

- Ey Dlir...

- Sim, será nossa última parada antes de entrarmos em território de Noak. Não se preocupe: vamos deixar você lá em Noak, em praia tão perto de Beniw quanto possível. Vamos sim ou meu nome não é Ched!

- Muito grato.

Zand se afasta lentamente...

“Como são calmos os dias sem Eve por perto... Se estivesse comigo, estaria tagarelando até agora.”

Olha as águas ondulando ao lado do navio, sendo cortadas por ele. E as ondas naturais do mar.

“Talvez ela tivesse algo interessante a dizer ou questionar a respeito de Ey Dlir. Para falar a verdade, às vezes até faz falta sua presença.”

E Zand segue até a cabine. Passa por Eniu, o bardo, ainda jogado no chão com uma garrafa de rum quase no fim, desacordado.

“Esse não tem jeito mesmo. É uma vergonha para a profissão.”

Desce as escadas, passa pelas grandes caixas de madeira da entrada e chega perto do seu colchonete. Tira a chave do cordão em seu pescoço, senta-se diante do baú e o abre. Ali está a bela Eve-64 em seus tons de azul. Do cabo à lâmina, passando pela inscrição “E-64” cujo relevo, mesmo nessa iluminação pouca, dá um lindo efeito nos seus tons de azul. Ele a pega.

“Bom dia, Eve!”

“Bom dia... Bom dia? Você me deixa trancada aqui há dias! O que pensa que está fazendo? Além do mais, você sabe muito bem o que acontece quando eu fico largada num canto por muito tempo...”

“O barco está em movimento, Eve.”

“E eu sei lá! Quer que aqui vire um navio fantasma? Até que ia combinar com o nome. Agora se você tivesse um mínimo de respeito e consideração, você...”

Zand solta a espada novamente dentro do baú a tranca novamente. Levanta-se, olha um pouco para o baú...

“Ela também não tem jeito.”

E caminha até as escadas para voltar à popa...

Episódio 17: Ey Dlir

“O que foi agora?”

“Chegamos a Ey Dlir, Eve.”

“E daí?”

“Daí que vou descer. E como você é o que tenho de mais precioso no momento, vou levar você comigo.”

“Ora...”

Pelo tom de voz, Eve está bem surpresa com a declaração. Eles não falam mais e o barco na verdade já parou. Zand a pega e vai para fora, juntando-se ao grupo.

Em pouco tempo, estão lá na antiga capital de Wimow. A capital que antecedeu Ey Vudeon. É quase meio dia e dessa vez o pirata Phri foi que ficou tomando conta da Diabo M.

É uma cidade plana e pouco depois das praias eles alcançam a feira de Ey Dlir. Uma cidade cheia de pessoas simples e alguns cumprimentam Ched e companhia enquanto passam pelas barracas da feira. E é justamente nesta feira que encontram o Bar de Weax. Não passa de um galpão enorme onde várias mesas fazem um

bar/restaurante e no primeiro e segundo andar, os quartos.

“Essa cidade não mudou nada.”

Eve deixa escapar, enquanto o grupo se senta a uma mesa, de frente ao caos da feira. Barracas de roupas.

- Não é perigoso o Xovi ficar sozinho no barco? - É o outro Phri que fala, o Phri Croan.

- Perigoso por quê, cara? - Been pergunta, com desdém. - Tem a molecada lá com ele e ele é competente pra dar conta de qualquer bronca.

- Não falo sobre isso. E se ele quiser ir embora com a Diabo M?

- Ah, faça-me o favor...

- O que você sabe, que está escondendo? - Ched se debruça para ouvir melhor, preocupado.

- Nada não, só estava pensando... O cara é do mar há muito tempo e...

- ...e nada, sapo velho, o Phri não ia fazer isso com a gente não. - Uglu fala. - Tá maluco?

- Como pode ter certeza?

- Se ele fizer besteira, a gente vai atrás dele e lhe arranca o couro! - Di completa e cumprimenta o irmão, animados com a resposta conjunta.

- Liga não. - Breig, que estava sentado ao lado de Zand, comenta com ele. - Phri Croan é assim mesmo, de vez em quando. Quer dizer, nunca o vi ser tão direto sobre uma suspeita, mas também não surpreende.

Ched e Phri continuam discutindo.

- Nem se importe muito com isso. Já viu como o Ched é meio paranoico, com todo o respeito. Vai querer apurar o fato e vai levar uns dias até se convencer de que não tem com o que se preocupar, que foi alarme falso.

O bárbaro bate no braço de Breig para lhe chamar atenção e então gesticula alguma pergunta.

- Ah, pedimos peixe e porco. Deve chegar já. - E Breig se vira novamente para Zand. - O bom é que a gente chegou cedo. Vamos poder dar uma volta na feira, que já já começa a terminar.

- Tzarend?!

Zand está deitado em uma cama simples, em um quarto apertado, olhando para o teto sob a luz de uma lamparina

a óleo. Já é noite e ele esperava aproveitar para descansar um pouco em um quarto individual, depois de ter que dividir um mesmo espaço com tanta gente, mas alguém insiste em atrapalhar.

“Parece o Breig.”

“É, parece...”

- O que é?

- Pode descer? Acho que vai te interessar.

- O que há?

- Notícias novas dos Raxx...

As imagens giram em sua cabeça e ele se levanta como um corpo que age espontaneamente, sem precisar de um cérebro. Logo está ele no bar, numa mesma mesa que Breig, Ched, Gwat, Eniu e Been. Os outros estão espalhados por aí. E, nessa mesma mesa, mais uma pessoa. Um viajante loiro de barba grossa e maltratada.

- Então, eu estava falando! Dizem que o novo rei e a nova rainha planejam capturar uma manticora.

- Manticora?! Mas isso é loucura! - Breig fala. - Elas não se deixam capturar!

- É, não sei como eles querem fazer isso, mas eles têm um mago poderoso ao lado deles. É o braço direito dos dois e é especialista em objetos mágicos e encantamentos.

- Azkelph... - Zand deixa escapar.

- O quê?! - O homem ouve e reage. - Não! Não lembro o nome dele direito, mas não o chamam assim por lá. É Proteges ou algo parecido.

- Fale-nos mais! E como está o caminho até lá? - Gwat pergunta.

- Eles estão tomando as fronteiras. Há torres de observação em pontos estratégicos nas fronteiras e nas principais cidades, principalmente as costeiras. E eles têm uma marinha a postos também. Ninguém sabe quando eles vão começar a atacar os reinos vizinhos. A suspeita é que estejam justamente esperando o domínio dessa manticora.

- E como você descobriu tudo isso?

- Eu sou de Noak, ora! Estou apenas tentando ir o mais longe que posso da minha própria terra e aconselho vocês a fazerem o mesmo.

- E o que pretende exatamente?

- Vou até Awra e lá descubro. Talvez eu tente atravessar o oceano...

Episódio 18: Parados

Na cabine da Diabo M, Ched, Gwat, Zand e Phri Xovi, que não foi exatamente convidado para a reunião, mas resolveu aparecer. Na pequena mesa, um mapa.

- Nós estamos aqui. Faz muito pouco tempo que conseguimos entrar em território de Noak. - Ched analisa o mapa, pensativo.

- Beniw, apesar de tudo, ainda é muito afastado das praias. - Phri comenta. - Claro que a gente já planejava ir para uma cidade do litoral mesmo. Daí pra frente é com Tzarend. Mas fica difícil decidir qual o melhor lugar, não é? É tudo longe no fim das contas!

- Ainda assim, se as proporções do mapa estiverem certas, Beufu ainda parece ligeiramente mais perto.

- É verdade...

- Capitão! - Um dos rapazes de apoio, o Grebo, chega na sala. - Koenji pediu para avisar que avistou barcos longe.

- Onde?

- Lá na nossa frente, se afastando do litoral.

- Dá pra identificar...

- Parecem da marinha de Noak.

- Rápido! Temos que fazer algo!

O grupo sai da cabine apressado, enquanto o rapaz os acompanha, ainda falando.

- Eles não parecem estar vindo pra cá, pelo que o Koenji falou. Então nós baixamos as velas e ficamos parados, por ordem de Koenji.

- Ótimo! Era exatamente o que eu iria mandar fazer. - Ched se vira para Zand. - Se estamos de frente para eles somos menores. Se virarmos o barco para nos afastar vamos chamar atenção. Melhor esperar eles passarem,

- Desde o início sabíamos dos riscos de vir aqui, então este é apenas um dos perigos. - Phri complementa. - Um confronto direto seria suicídio. Não importa quem esteja no barco, ao enfrentar barcos, barcos são barcos. Ao serem atingidos, afundam.

- Não há muito o que fazer senão esperar...

Zand desce até onde dormem, onde está Eve.

“Que foi agora? Precisando de mim?”

“Talvez?”

“E o que está havendo?”

“Barcos inimigos ao longe.”

“Sei...”

- Tzarend? Esteja preparado. Se eles nos virem e quiserem prisioneiros, será bom porque poderemos lutar, mas se não essa espada não terá utilidade nenhuma.

“Às vezes a gente precisa confiar mais nas pessoas, Tzarend. Às vezes é a única forma de sobrevivermos.”

“Como você pode dizer que eu não consigo resolver meus problemas sozinho?”

“Há vários tipos de problemas. E alguns simplesmente não dá pra se resolver sozinho.”

“Fala por experiência própria? O que conheço da sua história é sobre uma guerreira solitária e louca.”

“Conhece pouco da minha história. Eu sempre tive metas na vida e sempre soube o que fazer, louca nunca fui. Além disso, o que você ouviu falar sobre mim é de muitos séculos atrás. É informação inútil, desatualizada.”

“Sei.”

- Estamos demorando muito.

- Calma Tzarend... É preciso paciência. - Breig fala. Está por ali, esperando a situação se resolver.

- Mas estamos aqui há horas!

- Eles já estão indo, mas dizem que apareceram mais barcos, então não sei quanto tempo ainda falta.

- Vamos ficar aqui a vida inteira?

- Tenha calma... Não podemos fazer nada. Pelo menos não você e eu e mais alguns daqui. Nada a não ser esperar...

Episódio 19: A Última Noite

- Não aguento mais esperar!

- Tzarend, precisamos rever uma coisa.

- O quê?

Ched olha para o horizonte preocupado.

- Não conseguiremos aportar em uma cidade, não com Noak desse jeito que se encontra. Mas faremos o seguinte: quando avistarmos terra, você deixa a Diabo M em um barco. Daí pra frente é com você.

- Tudo bem, eu dou um jeito.

- E não vai ser numa cidade, mas tentaremos deixá-lo em Beufy.

Beufy vem antes de Beufu, parece um pouco mais longe da capital pelo mapa, mas muito pouco.

- É uma missão muito perigosa para um homem sozinho. - Breig fala, ajeitando sua capa vinho. - O que teria a oferecer a um possível aliado?

- Ainda não sei. O que tenho é pessoal.

- Uma parte igual à sua na recompensa final desta missão e eu topo ir contigo.

- Você está louco?

- Been? O que faz aqui ouvindo conversa alheia?

- É uma missão suicida!

- Ele tem razão. - Zand fala, ainda de olho no horizonte. Mais para a vista repousar em algum lugar do que tentando ver a frota de Noak.

- Eu que decido por mim, não é? - Breig se aproxima de Zand. - Fechado?

“Lembre-se, Tzarend, aliados são sempre importantes.”

- Fechado. - Os dois celebram o acordo em um aperto de mãos.

Já é bem próximo do anoitecer quando a Diabo M volta a navegar. O próprio Ched e seu braço direito é que a conduzem pelo mar. Pelo visto, Koenji estava exausto.

Das crianças, somente o Kroen continua por ali, de um lado para o outro. Os demais devem estar descansando desse longo dia.

“O que acha de Breig?”

“Não sei, Eve. Não estou com paciência pra conversa.”

“Ele me parece um bom sujeito, sensato. Só tem...”

“Quer parar?! Não me interessa o que pensa de Breig!”

“Tudo bem então... Mas eu acho que...”

“Eve! Vou jogar você no mar se não parar essa matraca!”

Todos na cabine. Todos os despertos, pelo menos, mas estes ainda são maioria na tripulação.

- Então, chegamos ao ponto. - Ched fala. - Aqui nos separamos para darmos seguimento a nossos próprios destinos.

- Muito grato pela ajuda. Grande parte doo sucesso desta missão eu deverei a vocês.

- Não há de quê, Tzarend. Só acho que é um tanto difícil concluir sua missão. É difícil demais pra ir sozinho.

- Ele não vai só. Vou com ele. - Breig interrompe.

- Vai acompanhá-lo? E a Diabo M?

- Se tudo correr bem, depois da missão eu dou um jeito de voltar. Além do mais, a tripulação da Diabo M está bem

grande hoje em dia, não? Não creio que vá fazer tanta falta assim.

- Se é o que quer.

Os dois irmãos se olham e então se apresentam.

- O que tem pra nós, se os acompanharmos?

- Uglu? Di?

- Creio que pode ser uma participação igual também, nos espólios da missão. - Breig sugere. - O que acha, Tzarend?

- Tudo bem.

- Mas ora! - Ched olha ao redor surpreso. - Mais alguém? Continuar assim e quem vai ficar no barco sou eu e vocês é que vão levar a Diabo M!

Alguns sorriem, mas termina a escalação. Os quatro vão ao barco e são descidos até encontrarem as águas. Libertos das cordas, começam a remar para a praia. É um barco de madeira diferente da Diabo M. Estilo diferente também. Claramente foi adquirido depois.

- Curiosidade. Por que resolveram vir? - Breig pergunta aos dois.

- A gente precisa de ação um pouco. Essa vida no mar termina enferrujando a gente.

Di completa o que o irmão falou:

- E você é confiável, Breig. Sei que se tudo der certo, nós três podemos seguir juntos depois dessa missão até encontrarmos a Diabo M de novo.

- Muito obrigado pela confiança.

- E você? Por que veio?

- Sabe, a gente precisa ter tato pra perceber quando estamos perto de um acontecimento grandioso. Não é todo dia que um casal consegue aplicar um golpe e tomar o poder de uma nação inteira. Nem é todo dia que aparece alguém com uma armadura de escamas de dragão pra desafiar um tirano...

Episódio 20: Beufy

- Breig. Eu não sou um paladino, se é o que pensa.

- Claro que não é. Mas está longe de ser um segurador de espada.

- Haha! - Uglu se diverte um pouco. - Fala daqueles camponeses que aparecem pra defender a família, com uma espada na mão sem terem nenhum treinamento antes, não é?

- Mais ou menos isso mesmo.

- Hahaha! Já vi muito desse tipo. Não há nada mais ridículo!

- Breig. Uglu, Di. Só quero que entendam uma coisa. Eu não sou um paladino. Eu não sou um guerreiro destinado a promover a paz no mundo nem nada parecido. Minha campanha é pessoal.

- Não importa, Tzarend. Às vezes quem está dentro do jogo não percebe as coisas tão bem quanto quem está de fora. E, no fundo, não importa. - Breig apoia a mão direita no ombro de Zand. - O que importa é que estamos do seu lado nessa missão.

“Interessante...”

“O quê é interessante, Eve?”

“A forma como ele pensa. Não deixa de ter razão.”

- Pensando em quê? - Breig pergunta, depois de um tempo.

- Vamos chegar em Beufy e procurar cavalos para a nossa viagem. Ao chegarmos lá, deixem que eu falo.

- Como?

- Eles vão reconhecer o sotaque de alguém de fora. Temos que ter cuidado.

“Interessante mesmo. Não tinha prestado atenção. Realmente!”

“O quê, Eve?!”

“Você fala de um jeito diferente. Não parece ter um sotaque definido. Parece se adaptar à cultura do lugar, mas me parece não ser exatamente isso.”

“Herança da minha época de bardo.”

“Isso é um talento dos bardos? Legal.”

Zand não responde mais. Ao invés disso, apenas continua olhando o horizonte, esperando chegar em Beufy. Breig tenta se manter acordado, mas termina cochilando

algumas vezes durante a viagem. Os irmãos dormem como pedras.

O Sol nasce e eles ainda estão se aproximando, mas avistam claramente a praia. Pouco a pouco, vão chegando até finalmente alcançarem a terra firme.

Vários pequenos barcos de pesca pela praia, todos abandonados. Algumas casas espalhadas, provavelmente de pescadores também. Eles caminham se afastando mais das águas, depois de deixarem o pequeno barco em um lugar supostamente seguro das marés.

- Como pensei. Aqui está a estrada. - Zand fala, pouco antes de se dirigir para a direita.

- Ei, como sabe que é por aí? - Di pergunta.

- Dava pra ver do barco as luzes da cidade. - Breig responde e caminha, seguindo Zand. - Você, que dormiu a viagem toda, é que não viu.

Passa-se pouco mais de uma hora até que finalmente os quatro conseguem chegar na cidade. O rio deságua por ali e eles passaram pela ponte para chegar em Beufy. O

rio parece se emaranhar na cidade, ou foi exatamente o contrário.

Os prédios simples e apertados preenchem o lugar e a cidade não está muito movimentada. Algumas lojas abertas.

- Bom dia, senhores! - Zand intercepta um grupo de velhos. - Eu e meus amigos temos uma longa viagem. E que precisamos de cavalos! Sabem onde se compra?

Dois deles se olham e um deles responde.

- Hyofeh deve de ter cavalos.

- Hyofeh... E onde o acho?

- Ele está sempre perto da praça. Basta chegar lá e perguntar por ele.

- Ok, muito obrigado.

- Grato em ser útil.

- Vão ao caminho do Sol.

- Do Sol vamos.

Os quatro caminham em busca da praça.

- Que história foi essa de Sol?

- Costume local dos mais velhos.

- Está bem. - Breig comenta. - Agora você me convenceu: nós três nos calamos e você é que fala com os moradores.

Mais algumas ruas e logo encontram a tal praça. Uma praça bem mais alta do que as praças que se costuma ver em Wimow, com uma estátua no centro. Um homem com um chapéu estranho.

De qualquer forma, eles não precisam procurar muito para encontrar o tal Hyofeh. Logo ali está um homem conduzindo alguns potros.

- Hyofeh?

- Quem?

- Precisamos de cavalos.

- Hmmm... Não tenho aqui, mas tenho em casa. Esperam terminar a feira que eu...

- Temos pressa, filho. Precisamos de quatro cavalos e pago bem.

- Nesse caso... Hyofih!?

Um rapaz de uns doze anos vem correndo, segurando uma vara (provavelmente utilizada para conduzir os animais).

- Cuide dos animais que vou pra casa tratar de negócios.

Episódio 21: Quem vem lá?

Quatro cavalos trotando pela estrada. É um longo caminho até chegar em Beniw. Já é cedo da tarde e o almoço em Blucei fora totalmente mecânico, apenas por obrigação e para ganhar tempo. Agora, Zand, Breig, Uglu e Di cavalgam para Beniw.

Ao seu redor árvores frutíferas plantadas em ordem. Até agora poucos têm falado. Poucos além de Eve.

“Eu disse que ela era daqui!”

“Não me interessa suas amigas, menos ainda se já se foram!”

“Você é um bardo, devia gostar de conhecimento histórico.”

“Não sou mais. E se ainda fosse, preferia conhecimento histórico RELEVANTE.”

“Mas a Elblur era uma grande armeira. Uma vez ela fez um elmo...”

“CHEGA, Eve!”

Alguém se aproxima a cavalo, encapuzado. Di e Uglu se olham, nervosos, mas os quatro continuam.

Tensão... Cada vez mais próximo... Eles tentam discretamente analisar o estranho, mas não conseguem identificar nada, nem ver detalhes do rosto além de notarem que tem pele clara.

Ele passa sem maiores problemas. O grupo continua sua jornada...

“Terras estranhas, povos estranhos. É como dizem por aí.”

“Quem quer saber? Dá pra se calar?!”

Uma música se ouve de repente. Zand se vira para trás: é o estranho. Está parado, de costas para o grupo, tocando uma flauta transversal.

“Por que todo mundo parou?! Ainda levaremos pelo menos cinco horas até Beniw. Se formos parar para cada louco que aparecer...”

Zand nota o enfeito daquela música. O grupo está quase paralisado. Os três, não ele. É um bardo, um bardo dos bons. Zand move seu cavalo alguns passos à frente, mais para deixar claro não estar sob efeito do encantamento musical do que outra coisa.

O outro vira o cavalo de lado e sorri, pouco antes de descobrir a cabeça, mostrando cabelos loiros, que deslizam até a altura do queixo. Afasta a flauta por um instante.

- Quem são vocês?

- Quem é você? - Zand responde prontamente.

- Se eu estivesse em suas terras – ele sorri, de um jeito quase cortês -, vocês teriam todo o direito de me perguntar isso, mas é o contrário. Quem são?

- O que te interessa?

- O que querem em Beniw?

“Como ele sabe sobre nosso destino?”

- Quem é você? Diga-me!

Ao invés de responder, o estranho reaproxima a flauta transversal e continua a tocar a mesma canção. Então pára...

- Tzarend... - O estranho cavalga devagar, virando-se totalmente de frente para o grupo.

Zand tira a Eve-64 da bainha e se aproxima mais dele.

- Calma... Eu não sou inimigo. Pelo contrário. Acho que mudei de ideia e vou voltar para Beniw com vocês.

- Como é?! Quem é você afinal?

- Sou Viex, descendente de Woate.

“Woate?”

“Você conhece, Tzarend?”

“Um bardo lendário daqui de Noak, que usava uma flauta...”

- Sou neto de Woate. Viex Woate, e vou com vocês até Beniw.

- Por que faria isso?

- Digamos que ninguém nessas terras tem coragem de enfrentar os Raxx. Eu cansei e estava indo para meu autoexílio, mas mudei de ideia.

- O que sabe sobre nós? - Zand pergunta, já bastante preocupado.

- Bem, você deve saber mais seus próprios objetivos do que eu, então no caminho você me explica. O que importa é que Raxx precisa cair e eu vou ajudar vocês. Só me digam uma coisa... Onde ela está?

- Quem?

- A mulher.

- Que mulher?

- Eu senti presença de cinco pessoas, uma é uma mulher. E no entanto vejo apenas quatro.

“Leitura de mentes! Aquela canção também fez isso!?”

Zand ergue a mão e Viex enxerga o “E-64” na espada.

- Não pode ser! Eve-64!?

- Então você a conhece...

- Claro que sim! Que bardo que se prese não conhece sua história? É uma arma muito poderosa! Mas, diga-me, como você aguenta a Eve?

- Ultimamente tenho me feito a mesma pergunta...

- Vamos, o caminho até Beniw é longo e temos que aproveitar o momento.

- Que momento?

- O afastamento das tropas? Não é por isso que vieram agora? Ou vão dizer que foi coincidência e que não estranharam a ausência de soldados...

Zand olha ao redor e vê a expressão espantadas de seus três aliados.

- É, vejo que foi coincidência. Mas vamos! Não temos tempo a perder.

O grupo se olha enquanto Viex abre caminho entre eles e parte de volta a Beniw.

“Quem ele pensa que é?! Essa missão é sua, Tzarend!”

“Deixe que disso cuido eu. Apenas, vamos.”

E o grupo o segue, de perto.

Episódio 22: Conversas a Caminho de Beniw

- Tzarend... Tzarend... É destas terras mesmo? Nunca ouvi falar.

- Não vem ao caso.

- Certo... - Viex continua, com o capuz posto novamente. E o grupo todo o acompanha pela estrada. - Então me diga, Tzarend... Quem caiu?

- Do que fala?

- Quem era o antigo dono da pele que usa? É daqui mesmo ou do além-mar?

- Daqui.

- Então só pode ser da Serra do Fogo.

- Do que estão falando? - Breig intervém.

- Há apenas três dragões vermelhos aqui no continente: um deles fica nas ruínas de Amep, no reino de Surdi; outro está no topo do Monte dos Deuses, perto de Krokan, também em Surdi; e o terceiro fica na Serra do Fogo, em Wimow. Ou ficava. Porque, ao que sei, embora haja muito mistério a esse respeito, os Raxx mataram o

dragão da Serra do Fogo e saquearam todo seu tesouro. Foi o que pagou seu exército mercenário.

- Quer dizer então que essa armadura... - Di se espanta ao ouvir as palavras seguras de Viex.

- Você é bem informado, pelo jeito! - Breig fala, após constatar que Zand não se pronunciará a respeito.

- É a missão de um bardo, meu caro. Vejo que carrega uns livros...

- É, eu estudo...

- Magia, sei... Você parece ter interesse, mas não tem muito jeito de mago não. Tenta andar mais inclinado, assim! E também tem que mudar sua expressão... Está muito séria. Tenta...

“Ele é bem elétrico, não é?”

“É sim.”

“É perigoso eu falar com você perto dele?”

“Creio que não. É pela canção que ele faz a leitura de mentes.”

“Entendo. Já pensou na possibilidade de ele estar mentindo?”

“Claro. Mas as informações se encaixam corretamente. A flauta de Woate é conhecida entre os bardos, assim como o próprio Woate. Só não sabia que Jult Woate tinha se aposentado, mas ele já era um pouco velho quando tive notícias dele.”

“E quem é esse?”

“O filho de Woate e suposto pai dele.”

- E você? É descendente de alguém famoso, né? Deve ser legal!”

- Não exatamente. Eu não conheci muito meu pai.

- Ah, não?

- Aventureiros não se casam. Meu pai é filho de Woate com uma mulher de Surdi. Minha mãe é de Beufu. Tanto meu pai como eu terminamos seguindo essa profissão simplesmente por instinto, porque está no sangue mesmo.

- Nossa...

- E A flauta é passada quando já estamos bem, quando meu avô se aposentou, passou a flauta ao meu pai. Ele, ao se aposentar, passou para mim.

- E só tem você de filho?

- Na verdade, conheço mais três irmãos, mas nenhum deles se interessa por música ou missões. E quanto a vocês? Vocês têm cara de serem do mar!

- Sim, e somos! Nossa embarcação é a Diabo M.

- Diabo M... Diabo M... Já ouvi falar de Diaba M, não seria esta?

- Nossa! Você é mesmo muito bom!

- Eu não sou bom, eu sou um Woate! Mas por que mudaram de nome?

- É uma longa história...

- É uma longa jornada até Beniw! Temos tempo de sobra para uma longa história!

- Se Eniu estivesse aqui, ele a contaria muito bem!

- Eniu...

- É o bardo da tripulação.

- Ah, entendo. Mas se ele a conta tão bem, deve tê-la contado algumas vezes, e deve haver recordações ainda! Não gostaria de me contar essa história?

- Vocês deviam parar de conversar! - Uglu fala, com raiva. - Pode ser perigoso andar por aqui!

- Não se preocupe. - Viex responde, prontamente. - Está tudo em paz. Eu não tiro os olhos e ouvidos da estrada e, acreditem, meus ouvidos são muito bons! Além do mais, eu acabei de vir por este mesmo caminho, e está tudo bem nele. Breig... Não é este teu nome? Que tal me contar a história da sua embarcação?

Episódio 23: Infiltração

- Então, eu soube que os Raxx estavam tentando dominar uma manticora...

- É verdade... Também ouvi esses boatos. - Viex responde a Breig, pensativo. - E, sinceramente, não duvido que sejam verdade, sendo o general deles quem é.

- E quem é?

- O mago Protages.

- Quem? - Zand pergunta.

- É um mago que se tornou popular só nos últimos anos. É frio e tem um grande conhecimento sobre artefatos mágicos e estudou com Uabwed Woa.

- Quem?!

- Se você quer ser mago, Breig, é bom conhecer alguns nomes...

“Que interessante!”

“???”

“Ah, se eu não estivesse presa nessa espada! Podia encomendar outra espada para mim!”

“Se não tivesse sido presa nessa espada, Eve, você teria morrido de velhice há uns quinhentos anos.”

“É, eu sei... Mas custa sonhar um pouco?”

- É bastante conhecido por catalogar criaturas monstruosas, estudar tais criaturas. E esse Protages, que foi seu pupilo um dia, é o braço direito dos Raxx.

“Tzarend? E o...”

- Não havia um outro mago?

- Não conheço, só se houver um aliado antigo, de outros tempos. Por ora, o único nome de confiança para os Raxx é Protages.

“Será que é Azkelph?”

“Como assim?”

“Ele pode ter trocado de nome, como você!”

“Pra que ele faria isso, Eve?! Para de falar besteira!”

“Aposta quanto que é o mesmo Azkelph?”

“Eve?!”

“É claro! Ele era um péssimo mago! Faz sentido se considerarmos que sua especialidade não era magia de combate, mas de confecção de objetos.”

“E que objetos ele fez? Eles não usavam nenhum!”

“Boa questão…”

“Fica calada, por favor!”

- Olha! - Di aponta para o longe.

- Sim, estamos chegando em Beniw. Aquele é o famoso castelo, o coração do governo de Noak.

O castelo fulgurava no horizonte. Uma construção de torres arredondadas. Cinza claro, mas não totalmente. Algumas partes denunciavam uma cor quase como chumbo, levando a pensar se o cinza claro não seria dessa mesma cor, após anos de exposição aos raios do Sol.

Detalhes, como metais nas janelas e telhados, eram de um vermelho que também parece já ter sido muito vivo.

- Nosso plano é o seguinte: eu vou tocando a Janliet e conseguiremos entrar sem sermos percebidos.

- Como fará isso?

- Confie em mim!

“Janliet?! Hahaha!”

“Que é, Eve!?”

“É a música que ele vai tocar ou a flauta?”

“Sinceramente não sei, mas agora pouco importa. Quer se calar de uma vez antes que eu a abandone no mato?”

“Devia saber! É um bardo também!”

“...”

“Bardos costumam dar nomes assim a suas flautas?”

“Melhor que arrogantemente fazer auto-homenagem.”

“Está falando de quê?! Ah... E-64?”

“E de que mais?”

“Mas quem disse que o E é de Eve?! Vocês que inventaram essa história no decorrer dos anos.”

“E de que era?”

“Já pensou que poderia ser de 'Espada'?”

“É de Espada?”

“Agora não digo mais!”

“EVE!!!!”

Viex começa a tocar a flauta. Uma melodia suave e melancólica, enquanto cavalgam.

Os cinco se aproximam dos portões, onde já se vê guardas armados. Os irmãos se olham, nervosos, já de mão nas armas, mas Zand faz sinal para que esperem.

“Você sabe o que exatamente o Viex tá fazendo?”

“...”

“Sabe ou não?”

“...”

“Ah, entendi...”

Todos os sons dão lugar ao som da flauta transversal de Woate. Guardando os portões de entrada, os guardas olham o horizonte, com uma expressão cansada e pensativa. Olham o horizonte enquanto o grupo passa bem diante deles e entra no castelo.

Viex não para de tocar no decorrer do caminho. O grupo passa por casas simples, depois por algumas barracas de comércio. Poucas, muto poucas, para o enorme espaço do pátio que antecede os portões principais do castelo propriamente dito.

Dez guardas enfileirados dos dois lados estão de sentinela tão logo se suba as escadas. Os cinco sobem, já sem os cavalos, e Viex continua a tocar.

Os portões estão logo adiante e o clima é de pura tensão entre todos, menos o próprio Viex. Um dos dez muda a expressão no rosto para uma estranha surpresa. Ele olha para a base da escada. Seus olhos finalmente começam a distinguir algo que não deveria estar ali. Borrões vão se formando cavalos.

- Ei! Tem algo errado aqui!

Basta essas palavras e mais alguém se desvencilha da ilusão de Viex e grita:

- Invasores!

Episódio 24: Protages

Entre vinte soldados de Noak, o grupo de Zand prontamente age. O confronto não dura mais do que dez segundos.

- Vamos rápido! Talvez a canção tenha perdido o efeito. - Viex volta a tocar a mesma canção de quando entraram.

E o grupo segue e logo estão em um salão enorme, e com diversos soldados. Todos olham para a entrada, deixando claro que aquela canção não funciona mais.

Com um sorriso leve, Viex apenas fala.

- Acho que é hora de mudar o repertório...

E começa uma nova música. Uma música confusa, de compassos incertos e oscilação de tons entre graves e agudos.

- Matem os invasores! - A voz vem de trás daquele grupo de soldados.

“Você ganhou. Não é Azkelph.”

- Droga! - Uglu grita e tira um dardo que acabaram de disparar em seu braço esquerdo.

Dardos voam pelo lugar, parecem atirar às cegas. Independente dos dardos, os irmãos, Zand e Breig partem para cima dos soldados. Breig vai por um dos lados, próximo à parede, Zand vai pelo outro. Pelo meio os dois irmãos lutam como loucos, desferindo golpes de espada em soldados que parecem atordoados.

De repente a música para: é Viex que rolou no chão para se esquivar dos dardos. Por um instante, os soldados parecem notar onde cada um do grupo está.

Viex toca uma melodia rápida e quase indecifrável e uma lâmina sai de sua flauta, transformando-a em uma espada curta. Ele luta.

À medida em que sua espada corta o ar, canais na lâmina jogam parte desse ar para dentro da flauta e, enquanto golpeia e gira, Viex faz uma melodia lenta e constante.

“Um efeito de encorajamento...”

Zand continua abrindo caminho entre os soldados.

“Ali!”

Zand já pode ver o tal mago, com um manto verde escuro e olhar desconfiado para os lados. De repente ele resmunga qualquer coisa e salta de sua mão uma pequena bola de fogo, que acerta Di em cheio.

- Não! - Uglu grita, no momento em que Zand chega, frente a frente com Protages.

Dois passos largos e um salto, mas antes que alcance Protages para golpeá-lo, é o próprio Protages quem aponta o cajado para Zand e o atinge com outra bola de fogo. Zand é arremessado para trás.

O brilho vermelho das escamas na armadura de Zand traz de Protages uma expressão assustada. Nesse instante, Di salta sobre ele, mas não há ninguém quando chega ao chão. Ele recebe um misterioso impacto nas costas e rola no chão, permanecendo imóvel.

Protages olha de lado e avista Viex lutando. Em poucos gestos, paredes se erguem, isolando o bardo do restante do grupo.

- Então você deve ser Zand.

“Falaram de você!”

- Halkond me falou de um panaca que eles utilizaram para matar o dragão. Não acharam que você fosse sobreviver à situação lá. É uma surpresa e devo dizer que eles também vão ficar muito surpresos ao te ver.

“Ele está ganhando tempo para enfraquecer o grupo e traçar uma estratégia melhor.”

“Tenho que acabar logo com isso! O objetivo é a Rubi e não ele!”

Zand olha por alto e vê que dois soldados estão gigantes, lutando contra Uglu, já ferido. Mal se ouve a flauta lá do outro lado do muro... Ele parte contra Protages, mas recebe outro golpe de fogo, que o joga mais uma vez para trás.

- Acho que isso não tem muita utilidade contra você, não é? Com essa armadura...

Das mãos de Protages sai um globo branco, que Eve simplesmente dissolve no ar.

- Vejo que está bem equipado. Isso não vai bastar.

Protages ergue uma pedra e arremessa contra Zand, que se esquiva com esforço, para ser atingido, de surpresa por outra bola de fogo.

Na entrada do salão, Viex ainda luta contra os soldados. Seus dedos alternam entre os buracos da flauta, enquanto a gira no ar, ferindo oponentes ou deslizando em suas armas em bonitas esquivas.

Há três muros, impedindo, em conjunto, a passagem para a parte maior do salão.

- Essa não! - Viex avista a entrada e enxerga algumas dezenas de soldados mais chegando a cavalo. - Tenho que dar um jeito nisso!

Viex enfia a espada no peito de um dos dois soldados restantes e arremessa uma pequena adaga no pescoço do outro. Num giro de trezentos e sessenta graus, produz em sua flauta uma outra melodia rápida e difícil de identificar. A flauta responde recolhendo a lâmina e voltando a ser apenas uma flauta transversal.

Ele começa a tocar uma nova canção, enquanto sai calmamente do castelo para receber os soldados que se aproximam.

Episódio 25: Protages – Parte II

Um pescoço é cortado num golpe rápido e furioso. O corpo cai ali perto. Era um soldado que se aproximava de Zand enquanto ele ainda se levantava, na esperança de golpeá-lo de surpresa, desprevenido.

- Você é bom, mas o que pode fazer sem se mover?

“Toque os pés...”

Zand olha os próprios pés e vê suas pernas presas em duas esferas de pedras. Prontamente, toca a espada E-64 nas duas e elas implodem em pedaços, deixando-o totalmente livre outra vez.

Zand corre contra Protages, mas pisa logo pisa em falso numa parte do chão que se inclinara de maneira estranha, caindo próximo de Di, ainda no chão.

- Você está bem?

Di não responde. Até sua respiração é feita com dificuldade.

- Você acha que sozinho pode derrubar a dinastia Raxx?

“Sozinho?!”

“É, Eve, como sempre estive. Veja ao nosso redor: todos foram de alguma forma anulados.”

“Tá. Vamos tentar de novo. Dessa vez você vai levitar.”

Zand se levanta e corre contra Protages, mas termina esbarrando em um poste de pedra, que misticamente Protages ergue bem na sua frente.

Zand mal se levanta e tem que se proteger dos pedaços do poste, que caem nele. Mas, em um giro rápido, Eve acerta a perna de Protages, mesmo que de raspão.

Aproveitando a situação, Zand se levanta rapidamente, girando a espada contra a cabeça do mago. A espada é desviada pelo cajado, que logo em seguida dispara outra bola de fogo em Zand, que mais uma vez vai parar longe.

Um grito de Uglu, que cai contra a parede, mas logo se ergue e continua a difícil luta.

“Ele está bem, eu acho. A gente tem que acabar logo com ele. Ele tá ganhando tempo...”

“Cale a boca, Eve!”

“Estou tentando ajudar.”

- O que você quer aqui, afinal?

- Você nada tem a ver com isso.

- Tudo o que diz respeito a Noak agora me diz respeito também.

Zand salta em direção a Protages. Respondendo a movimentos rápidos do mago, o chão se fragmenta totalmente, mas Zand não vinha pelo chão. Uma parede se ergue, mas um golpe de Eve a destrói facilmente.

Um jato de fogo atinge Zand por baixo e o arremessa alto até uma das paredes laterais do salão.

“Como ele fez isso? Eu também não vi, Zand...”

“É Tzarend!!”

À base do muro recém-erguido e recém-destruído, uma construção rústica de pedras curva para cima. De baixo, Protages se ergue calmamente. A construção foi o “caminho” para a bola de fogo atingir Zand dessa nova forma.

- Meu caro Zand, aceite a realidade. Você foi enganado, o dragão foi morto. Não dá pra mudar isso.

- Zand morreu. - Zand fala, erguendo-se com dificuldade.

- Morreu? É, não vamos discutir por uma diferença de cinco minutos entre o argumento e a realidade, não é mesmo? Eu fico imaginando... Como uma pessoa enganada viaja para outro continente sem nenhum

objetivo na vida a não ser matar alguém. O que você ganha com isso? Eles não te enganaram por serem maus ou nenhuma besteira do tipo, você sabe. Eles tinham uma meta!

“Agora hora do discurso discurso...”

- Isso não é problema seu. Chega de conversa!

- Sim, é problema meu sim. A partir do momento em que meu país é invadido, o castelo é invadido e meus soldados são atacados, isso se torna “muito problema meu”.

Nesse instante, a janela de vidro próximo de Zand explode para dar passagem a Viex, que aterriza ali, a seu lado, majestosamente.

“Gostei da entrada.”

“Eve...”

- Viex... - Protages encara o bardo e, de súbito, resmunga algumas coisas estranhas rápidas, fazendo gestos igualmente estranhos, e direciona a energia concentrada nas mãos em...

Breig, que vinha pelo lado atacá-lo de surpresa.

Breig é atingido por uma energia luminosa branca, meio amarelada, mas em um salto crava a espada no peito de Protages, que cai.

Pisando uma das mãos, toma-lhe o cajado da outra. Logo Zand e Viex, este tocando flauta, estão ali, junto dele.

“Nossa! Essa eu não entendi! A magia não fez nada nele?”

“Que droga, Eve!”

“É, uma magia que não faz nada...”

- Onde está Rubi?

- Não vou dizer!

- Gurian. Eu já sei onde estão. - Viex fala, parando de tocar a flauta.

Breig, num golpe rápido arranca a cabeça de Protages.

“Espera! Não é assim tão simples!”

- Vamos para lá!

“Não, Tzarend! Estão em Gurian sim, mas a gente tem que...”

“Eve!!!”

- Antes vamos ver como eles estão. - Breig, fala, aproximando-se de Di, caído.

- Tá mal o relacionamento, não é?

- Nem me fale.

- Olha só... - Viex mostra um bastão escrito E-60. - Se quiser, pode ficar com ela, e vamos pra Gurian acabar com isso.

“Você não teria coragem, Tzarend...”

“Já me cansei de você!”

Zand joga E-64 para o lado e aceita a E-60 de Viex.

- A propósito, o que houve foi muito interessante.

Zand faz sinal de não entender, e Viex se aproxima de Breig, que rasgava a camisa de Di para ver o ferimento em suas costas.

- Meu caro, considere-se uma pessoa de muita sorte! Você é uma das poucas pessoas que escapou viva da Anulação de Protages.

Episódio 26: Menos Um

- Anulação?

- Uma magia perigosíssima criada por ele próprio. Ela afeta o cérebro, arrancando da memória as magias programadas pelo mago, e gera um silêncio de alguns segundos. Certamente Protages viu você se aproximar há um tempo, não foi de agora, e deduziu que você era mago. Ao perder a memória mística, a magia causa confusão e às vezes até inconsciência na vítima.

- Quer dizer que escapei justamente por não ser mago?

- Precisamente.

- Nossa... Mas espera... Acho que... Di...

Nesse instante, Uglu se aproxima mancando, com cortes pelo corpo.

- Di?!

Um grito terrível percorre cada cômodo do castelo. É a dor da perda da única pessoa que lhe importava na vida e que se importava com ele. Uglu cai em prantos pela perda do irmão.

Viex dá alguns passos até a janela estilhaçada por onde ele mesmo entrara há poucos minutos.

- Gurian... Temos que partir logo.

- Não podemos abandonar Uglu. Ele perdeu o irmão hoje. - Breig responde.

- Devia estar preparado para as possibilidades de perda. - Viex continua. - Viver lutando não é tão calmo quanto pescar.

- A questão é que temos que partir o quanto antes. Venham, vou levá-los até um conhecido que providencie uma despedida e encaminhamento para Di.

- Despedida...? - Uglu pergunta, sem levantar a cabeça.

- Os mortos partem para um reino melhor. É o que todos dizem. Um mundo onde não precisem mais lutar nem ter medo, onde estejam livres de todos os vícios terrenos. Para chegar lá ele precisa ser encaminhado por um sacerdote. Tragam Di e me sigam. Eu conheço alguns sacerdotes.

Breig tenta ajudar Uglu a levar o irmão, mas este não deixa e faz questão de carregá-lo sozinho, nos braços.

Eles partem. Zand ainda dá uma última olhada para Eve-64, jogada no chão perto de Protages. Mas olha para o

pequeno bastão escrito E-60 e parte, deixando Eve para trás.

- É uma arma interessante.

- Como funciona?

- Você a aciona pressionando aquele símbolo místico em direção para a esquerda e a lâmina aparece. É uma lâmina diferente, de energia ao invés de metal.

- E é útil?

- Tem sido muito útil, até eu ganhar do meu pai a Janliet. Só tenha cuidado para não tentar aparar usando ela. Não é lá uma grande ideia fazer isso...

- Tudo bem.

Os dois seguem por mais algumas ruas.

- É o seguinte, Tzarend: não podemos nos demorar aqui, pois logo a guarda chegará. Por outro lado, os Raxx podem deixar Gurian a qualquer momento. Então, vamos apenas deixar Di aos cuidados de um velho amigo e partimos em busca dos Raxx, combinado?

- Claro.

Finalmente encontram o pequeno templo do amigo de Viex. Lá está o monge, em meditação, quando o grupo chega e traz Di.

Devidamente explicada a situação, Oacos libera uma mesa para descanso de Di, e entra para fazer os preparativos.

- Bem, sentimos muito pelo seu irmão.

- Era tudo o que eu tinha na vida.

- Eu sei. Mas sabe que é o tipo de coisa muito comum de acontecer, não sabe? - Viex fala. - Afinal, a gente vive perigosamente. Quantos amigos eu já perdi nessa vida?!

- E quantos irmãos?

- É verdade, nenhum... Mas meus amigos sempre foram mais valiosos que meus irmãos. E você seria igual se só tivesse irmãos, filhos de pai ou de mãe e nunca dos dois, e criados em famílias totalmente separadas.

Uglu não responde, simplesmente abaixa a cabeça sentado no banco.

- Acho que tinha veneno. - Breig comenta. - Naquela ferida nas costas dele, acho que Protages colocou veneno, não sei como.

- É possível... - Veix então se volta mais uma vez para Uglu. - O que você precisa entender é que temos que partir

agora. Entendo perfeitamente sua dor e aconselho que fique por aqui, prestando assistência ao seu irmão. Oacos é de confiança e uma boa pessoa, vai te dar abrigo e alimentação por esses dias.

- Tudo bem.

- Temos que ir agora.

- Mas já?

- Notícias não esperam por nós e temos que chegar em Gurian antes delas.

- Tudo bem.

- Vem conosco, Breig?

- Eu não sei...

- Vá. - Uglu fala, enxugando as lágrimas. - Vamos ficar bem, além do mais você certamente será mais útil por lá do que aqui.

- Tudo bem, vou com vocês.

- Então vamos que é chegada a hora. Tzarend?

Zand, Breig e Viex deixam os irmãos aos cuidados do monge e partem a cavalo, deixando a capital de Noak, em busca dos líderes do novo poder golpista.

Episódio 27: Chegada da Tropa

Os três galopam por Beniw, buscando a saída da cidade. Enquanto Zand segue imerso em pensamentos, os outros dois conversam.

- Quer dizer que você usava essa E-60 antes da...

- Janliet! Isso mesmo.

- E quem deu esse nome?

- Meu avô. Quando projetou e a encomendou de um reino do além-mar. Você não imagina como é difícil fazer um instrumento desses. Envolve armeiro, ferreiro, artistas, magos...

- E antes dela, como você fazia?

- Como é tradição entre os bardos de Noak, eu já tocava pífano. Ainda tenho uns na casa da minha mãe.

- Interessante...

Breig coça a nuca e olha para o céu por um instante.

- Viex...

- Oi.

- O que você falou lá no castelo, sobre o que o mago lançou em mim... É verdade mesmo?

- Claro que sim.

- Acho que vou desistir de querer ser mago. É muito complicado. Além do mais, tem suas vantagens não ser mago.

- Você pode ser um farsante. Um guerreiro que se veste e age como mago. Pode ser muito perigoso em alguns momentos, mas pode ser muito vantajoso em outros, como foi hoje.

- Tem razão! Sabe que não é má ideia?

- Depois posso te contar algumas histórias de magos e algumas coisas mais sobre magos, pra você melhorar seu disfarce.

- Obrigado.

- Esperem.

Viex faz sinal pra que parem. Então, conduz, devagar, os três por uma rua.

Poucos segundos depois, os outros dois ouvem o galope de uma tropa se aproximando.

Zand olha discretamente e vê que os cavalos vêm trazendo guerreiros em armaduras salmão. E à frente deles, uma figura conhecida. Zand sai do “esconderijo”, sob o protesto silencioso de Viex e pára no meio da estrada.

O grupo logo pára diante daquele guerreiro com uma armadura de escamas de dragão vermelho.

- Tzarend!?

- Plórius!

- O que faz aqui?

- Vim resolver assuntos pessoais com os Raxx. Assuntos que se resolvem à espada.

- Que bom! Então podemos ir todos até o palácio!

A esta altura, Breig e Viex já estão ao lado de Zand, acompanhando a conversa.

- E esses dois?

- Esses são Breig e Woate, aliados.

- Não pode ser. Woate já deve estar bem velho, se ainda estiver vivo.

- Sou descendente dele, sou Viex Woate.

O general olha com um certo desprezo, e prossegue.

- Que seja! Bom, Tzarend, vamos! Não temos tempo a perder!

- Espere! Eles não estão no castelo. Estão em Gurian.

- Como sabe?

- Derrotamos Protages, o líder deles.

- Nesse caso...

- Senhor... - Um subordinado lhe chega e fala, discretamente. - Deveríamos verificar se o que dizem é verdadeiro.

- Não, rapaz! - Plórius fala, olhando para qualquer lugar onde não haja uma pessoa. - Quem está falando é Tzarend, um guerreiro que respeito e com quem já trabalhei, e ao lado de um descendente de Woate. São nobres o suficiente para não andarem mentindo à toa: vamos todos para Gurian! Ou melhor...

- Mas senhor...

- Tá, pensei melhor! Junte dois homens e vá ao castelo. O restante me acompanha. Vocês três avaliem completamente a situação e voltem para me acompanhar. Caso a situação esteja realmente complicada no castelo e exija ação urgente, mande os dois comunicarem às tropas

da fronteira e venha sozinho para Gurian. Afinal, vai demorar até vocês nos alcançarem, já que temos que partir rápido.

- Entendido, senhor!

- Vamos!

Episódio 28: Rumo a Gurian

O grupo segue a galope. À frente, Breig desconfiado, Viex, Zand, o general Plórius e um soldado. Atrás, vários outros soldados de Wimow. Todos a cavalo.

- Foram vocês que atacaram. - Viex comenta. - Sabíamos de algo assim. As tropas de Beniw partiram para longe, imaginamos que fosse um ataque, ou uma defesa. Mas não entendo... Por que resolveram atacar assim de repente? Não estavam neutros sobre a situação de Noak?

- Sim, de fato. Acontece que um suposto Fuzeddin veio até nosso rei pedir asilo político.

- Como? Não foram todos mortos? A não ser que... Aux...

- Sim! É o nome dele! Aux Fuzeddin!

- Claro! Dizem que ele morreu aos oito anos, em um passeio da família real a Cretoa. Até hoje ainda questionam por que a família real havia ido até a Floresta Noaknezt, um lugar perigoso para granfinos. Quer dizer então que ele não morreu?

- Não. Ele está vivo! E hoje tem dezoito anos. Estava morando em Ey Vudeon, protegido por uma senhora de Noak, que havia partido para lá.

- E como ninguém sabia dele?

- Essa mulher nunca contou nada. Ele lembrava de alguma coisa, mas ela dizia que era fantasia de criança. Só depois que a tragédia se abateu é que ela se viu no dever de contar a verdade.

- Realmente! Mas isso muda tudo! É só derrotarmos os Raxx que a dinastia de Noak poderá ser restabelecida com Aux!

- Esta é a ideia, meu amigo! Esta é a ideia!

- E como está a disputa?

- Conseguimos furar a defesa deles em uma manobra tática. Um esquadrão furou a defesa e infiltrou. Duas tropas deram cobertura, enquanto a minha se dirigia ao castelo.

- E não é perigoso? Se seus homens forem derrotados lá na fronteira?

- Meu caro bardo, responda-me uma coisa apenas: qual o objetivo de uma batalha?

- Vencer o inimigo.

- Exato. E isso quer dizer vencer a inteligência do inimigo, quem comanda as peças. A luta pode durar uma

eternidade se não tivermos um foco. E o foco neste caso é derrotar os Raxx.

- Entendo.

- Alguns vão morrer, mas certamente menos do que se estivéssemos concentrados na fronteira. Não sei você, mas me parece uma atitude estúpida ficar a vida inteira lutando a quilômetros daquilo que realmente importa.

- Pode ser.

- Quer dizer então – Breig entra na conversa - que a guerra está correndo solta lá na fronteira ainda?

- Provavelmente.

- Devo confessar que se você não houvesse nos explicado as motivações, iria pensar que havia desertado e deixado a tropa à morte.

- Hahahahaha! Realmente... Mas não, nunca! Se eu fosse um covarde, teria ficado por lá e mandado outro grupo vir. Quem diabos vai querer enfrentar uma quimera como a dos Raxx?

- A quimera...

- Sim! Eles têm uma quimera, mas não é uma quimera comum. É uma totalmente diferente das que se vê por aí, e olhe que raramente se vê uma quimera.

- Sei... E qual a diferença?

- Bem, as quimeras são feitas misturando animais diferentes. Assim eles misturam geralmente bode, dragão e leão. Mas ora! Pra quê eu estou explicando isso? Você é mago, sabe disso mais do que eu!

Breig sorri, vendo que já se tornou praticamente natural seu "disfarce de mago".

- Perdão! - Zand cai em si ao ouvir a última parte da conversa – Uma quimera?! Não era uma manticora.?

- Manticora, quimera... Não importa! A verdade é que não há um nome para... Aquela coisa! A gente fica utilizando nomes de coisas que conhecemos e que parecem da mesma categoria, mas definitivamente aquilo lá não tem nome.

- E o que é isso tão horrível que eles têm afinal? - Breig se interessa cada vez mais pelo assunto.

- É um leão com bico de águia...

- Ah, é um grifo!

- Definitivamente não! Deixe-me concluir! Pois bem, a criatura é totalmente branca, branca como neve. E é peluda como um urso polar. O corpo é de leão sim, mas

de um leão polar. É um pouco mais alta que um cavalo e muito mais larga.

- Nossa...

- E tem asas parecidas com asas de dragão, mas também são brancas. E tem dois tentáculos vermelhos de polvo.

- Uma criatura esquisita.

- Antes fosse só isso. Ainda não temos conhecimento de como ela é controlada pelos Raxx, nem tampouco do que ela é capaz de fazer. Já ouvimos relatos de efeitos similares a cone de frio, raios e dreno de vida.

- Dreno de vida!? - Breig se espanta de repente.

- Sim! Ainda bem que temos um mago do nosso lado para nos prevenir dos efeitos mais danosos!

Breig olha ao redor assustado. Ao receber do general Plórius um tapinha no ombro, confirma sua suspeita de que “o tal mago” é ele próprio.

Episódio 29: Gurian

Uma praça. A intuição de Zand e Viex os leva até uma praça, na pequena cidade de Gurian. Ao redor, já é noite há um bom tempo e a população se reúne na sala de suas casas ou conversa na calçada.

- Ainda não acredito que você não sabe onde eles estão. - O general Plórius reclama, da mesma forma que vem reclamando por toda a viagem.

- Olhe ao redor. Vamos procurar. - Viex responde.

- Como a gente vai procurar, com um bando de soldados junto? Devia voltar imediatamente. Só não faço isso porque já é tarde de qualquer maneira.

- Viex? Perguntar ajudaria? - Breig fala, fitando duas mulheres na calçada.

- Podemos tentar, mas acho muito difícil. Vamos lá.

Viex vai em direção às mulheres, seguido por Plórius e Breig. As duas param de conversar e se levantam, entrando rapidamente e se trancando em casa. Viex volta para os dois.

- Olha, deixa que eu resolvo isso! Fiquem por aqui. Eu volto em dez minutos.

Os dois se olham e, sem opção, aceitam esse plano. Viex saca sua flauta Janliet e some pelas ruas tocando uma melodia suave.

- Que diabo! Isso lá é plano?! - Os olhos de Plórius terminam encontrando os do mesmo soldado que aconselhou a não vir, mostrando-lhe um olhar triunfante. - E vocês sabem mesmo se eles estão aqui? Como podem saber?

- Viex é um bardo talentoso. Ele tem seus métodos.

- Sei...

- E ele é daqui mesmo, não merece algum crédito?

- Está bem!

A tropa já está na praça. Todos desmontados, com os animais também descansando. Descansam os soldados, mas não tiram os olhos de Plórius, de prontidão para qualquer nova ordem.

Os civis de Noak praticamente já deixaram a praça a esta altura. A cidade está ficando mais e mais deserta, com a população se trancando.

- Parece que não somos bem vistos aqui... - Breig comenta, de braços cruzados, perto do cavalo.

- Também, o que esperavam? Um pelotão de país estrangeiro, armado, chega à cidade à noite, no que estamos longe da fronteira! Não dava para ser diferente, é claro!

- Realmente. Mas então por que veio com tantos soldados?

- Ora que pergunta! Vocês disseram que sabiam onde os Raxx estavam! Mas não sabem de nada! Foi só perda de tempo!

- Não é bem assim.

A Lua começa a aparecer acima dos telhados das casas.

- Bem... - Breig completa – Pelo menos no castelo eles com certeza não estão.

- Será?

- Bom, o Viex...

- Vou te falar uma coisa sobre guerra, meu caro mago: em época de guerra vale tudo. Vocês confiam demais nesse sujeito. Você o conhecia antes? Tem alguma prova de que ele seja mesmo um Woate?

- A flauta...

- Pode ter sido roubada, comprada... Além do mais, mesmo que seja descendente de Woate, isso não prova absolutamente nada.

- Ele lutou ao nosso lado lá no castelo.

- Já ouviu falar de perder para ganhar? Como um capitão que manda soldados irem atacar os inimigos para depois bombardear todos com flechas, seus próprios soldados e os dos outros. Já ouviu falar desse tipo de coisa? Em época de guerra, as pessoas não têm preocupações com caráter.

- Talvez, mas não acredito que...

- Estamos perdendo tempo aqui. Onde está o Tzarend?

- Agora que falou... Não faço a menor ideia. Ele estava conosco.

- Tanto faz! Deve estar tentando encontrar os Raxx, fazendo sua parte ao invés de simplesmente conversar ou confiar demais nos outros. Nele eu boto fé. De qualquer forma não deve ser difícil encontrar um sujeito com armadura de escamas de dragão andando por aí.

- O Viex também...

- Falando de mim? - Eles se viram e veem Viex se aproximando. - Já sei onde estão. Venham comigo.

Duas esquinas e encontram uma praça bem menor e mal cuidada. Atrás dela, uma mansão protegida por muros altos. Os portões estão abertos e ao se aproximarem, veem Zand saindo sério e se sentando no único banco da praça.

- Que houve?

- Ela fugiu. Fugiu com a manticora.

- Como é que é?! - Plórius soca uma árvore.

- Fugiu voando, maldição!

- Cansei disso. Não há mais o que fazer aqui.

Plórius se vira e vai embora, seguido por sua tropa.

- Para onde ela foi? - Viex pergunta, sentando-se perto de Zand.

- Isso importa? Eu a conheço. Com certeza não vai para um lugar na direção em que saiu.

- Realmente. Nesse caso...

- Vamos dormir na hospedaria e voltar amanhã para Beniw.

- Vou ficar por aqui.

- Tem certeza, Tzarend?

- Sim.

- Tudo bem. Breig, vai pra hospedaria ou por aqui também?

- Acho que a gente deveria ficar por aqui, os três. Uma pessoa sozinha não deve ser seguro.

- Vamos para a hospedaria, ué! Lá sempre tem quartos livres.

- Podem ir. Vou ficar por aqui.

- Bem, você que sabe.

Os dois vão e deixam Zand ali sentado, repensando tudo, com os olhos perdidos a passear pelos muros da mansão.

Episódio 30: O Presente

É tarde da noite e da janela da mansão, Zand vê a cidade de Gurian. Vê a cidade e vê uma figura distorcida e bestial se afastando no céu ao longe. A cidade está ali, mas a figura que foge é o que ficou gravado na sua memória de algumas horas atrás. “Ela fugiu”.

Sofás e cadeiras em todos os cômodos. Alguns têm uma cama de casal. Zand entra em um deles. A Lua ilumina muito pouco e ele se senta na cama, apoiando a cabeça nas mãos.

Algumas lágrimas caem de seu rosto. Tão perto! Esteve tão perto! E tudo recomeça do zero agora. Novamente não sabe onde ela está. Voltou para Beniw? Para Wimow? Fugiu para um novo lugar? Não há como saber.

E ele se lembra de Eve, que deixou no castelo. Ainda não sabe se fez bem ou mal. Era bom ter companhia, mas há tempo que não pode ficar em paz com seus próprios pensamentos e é bom estar assim, agora. Quase distraidamente, saca a E-60. Ainda não a viu em funcionamento.

Um pequeno bastão. Coisa de 20 ou 30 centímetros, com o diâmetro de um cabo de sabre dos mais curtos. Zand

procura o símbolo mágico pelo tato e o encontra sem tanta dificuldade. Aponta o bastão para um lugar vazio e desliza o dedo.

A sala se ilumina pela lâmina da E-60. Uma lâmina de pouco mais de um metro. Bem, não exatamente uma lâmina. Um feixe azulado de bordas oscilantes, como se fosse um pequeno “relâmpago esticado”. O quarto se ilumina e Zand pode ver que há uma camada de poeira no lugar. E algo brilha, com um brilho familiar.

Zand encara aquele brilho discreto no chão, com curiosidade se levanta e se aproxima daquilo. Abaixa-se e confirma prontamente sua suspeita.

- Pérolas...

Ele se abaixa e apanha duas delas. Ali um pouco ao longe, umas moedas de ouro. Ele olha embaixo da cama e sorri. Há mais pérolas e moedas espalhadas.

“Era aqui que ela ficava.”

Ele sorri, mas não pelas migalhas do grande tesouro então encontradas; nem tanto por ter rastreado Rubi. Ele sorri de Eve, tendo a certeza de que ela estaria tagarelando até agora se estivesse por ali.

Tão repentinamente como veio, seu sorriso se vai com a lembrança de Knova. “A janela...”

Da janela ele vê os telhados de uma casa e, além, ruas e casas desta cidade. Antes, porém, ainda dentro do terreno onde se encontra essa mansão, há um espaço, uma área, quase um quintal. E algo brilha lá embaixo.

Zand se senta novamente na cama. Pára um pouco, já com E-60 desativada, então despenca de costas naquele colchão.

“E assim tudo recomeça. Sem pistas, sem nada. Os planos de Rubi aparentemente fracassaram, mas até que ponto? Será que ela vai desistir mesmo de Noak? Será que pretende conquistar outro reino? As riquezas ela levou. E Halkond... Não o vi, mas ele deve ter ido com ela. Em algum momento eles jogaram parte do tesouro por aqui e não se preocuparam em recuperar essas pérolas e moedas, que certamente eram migalhas do que tinham. E... O que será lá embaixo?”

Alguém pode ter jogado algo da janela, [e o que lhe ocorre. Então, apenas para passar o tempo, cansado de tudo e dessa jornada infrutífera, Zand desce e caminha à procura do que pode ter caído da janela, talvez parte do tesouro roubado, talvez uma pista de para onde Rubi está indo agora.

Árvores e plantas por todos os lados e não é difícil para Zand identificar o que estava brilhando. Logo a visão lhe

rouba qualquer palavra de espanto que pudesse pronunciar, qualquer pensamento mais elaborado. Por um momento ele apenas contempla, ainda de longe. Então se aproxima e toma em suas mãos aquele objeto.

O significado daquilo lhe vem à mente de maneira automática. Uma lira feita de pedras preciosas, com cordas de ouro. Zand chora, abraçando aquilo que acredita ter sido o presente de despedida que Knova havia feito especialmente para ele. Chora, e a lira parece perfeita em todos os sentidos: em criação e em estrutura.

Episódio 31: A Lira de Knova

“Aceite esta lembrança como uma despedida. Foi o que melhor consegui construir nesses últimos anos, especialmente para você. Que te ajude a transportar seu talento da melhor forma, que consiga fazer cantigas ainda mais encantadoras. Para isso que fiz. Espero que me esqueça para conseguir viver sua vida de maneira adequada, mas que se lembre às vezes de mim. Nem que seja numa noite de Lua. Acho que querer isso é um sinal de fraqueza... Mas tudo bem, esta é uma despedida. Agora posso reconhecer, já que você nunca mais vai aparecer aqui para me ver e não terei que te matar por você ter descoberto isso em mim."

Zand abre os olhos. O corpo dolorido e um desconforto que só quem já dormiu com armadura sabe calcular.

Já amanheceu e lá está ele deitado no chão, perto das árvores do quintal daquela mansão em Gurian. A lira está ali em seus braços, feita de pedras preciosas das mais diversas, em tons de negro e azul, com algumas pedras de outras cores espalhadas, como se tivessem sido mescladas magicamente, muito mais do que coladas. A chapa curvada com um metal que traz o brilho da Esmeralda sustenta as oito cordas de ouro.

Um instrumento feito de pedras, mas não é tão pesado quanto parece. A estrutura central desenha a “ferradura” de sustentação da lira, e faz duas pequenas cuias, acompanhando as laterais da estrutura, como se ensaiassem o desenho de uma caixa acústica em torno das cordas, mas desistissem antes de chegarem à altura dessas mesmas cordas.

Zand se senta, ainda mais admirado agora que há luz e ele pode ver os detalhes da obra de arte. Na chapa metálica que sustenta as cordas, gravado ele lê seu próprio nome: ZAND.

Desliza os dedos por ela e um insight. Ao soar das primeiras notas, que ecoam no lugar como sons quase divinos, com intensidade de volume muito maior do que promete a engenharia da lira, ele simplesmente sabe que aquela lira era o presente que Knova lhe fizera. O que mais seria? E instintivamente ele sente o quanto de poder há naquele instrumento que personifica um tão estranho amor.

E ele toca uma melodia melancólica e vê o passado. Ele está ali na Serra do Fogo, com Knova, conversando no sofá à luz de velas. Deitado sobre o colo de Knova, que se limitava a descansar sua mão sobre seus cabelos.

- Você vai mesmo? - Ela pergunta, de modo quase áspero.

- Preciso ir. - Zand responde, mas não o Zand maduro de hoje. O bardo Zand. - Estou aqui há mais de um mês.

- Então... - Ela pára.

- É muito bom estar com você. Quero ficar com você pra sempre, mas preciso resolver algumas coisas.

- Vai me deixar.

- Não!

- Você... - Ela pára mais uma vez. É como se quisesse dizer algo intenso, profundo, mas seu orgulho draconiano não permitiam.

Mais lágrimas fogem dos olhos de Zand, do Zand que toca lira vestindo uma armadura de escamas, de escamas de Knova.

Instintivamente, instantaneamente ele sabe do que a lira é capaz. A lira foi feita para ele próprio. Ele toca mais uma música. Uma música calma e estranha, como quem ainda não encontrou o ritmo e está experimentando que ritmo usar, que escalas, que frases... Mas ele sabe exatamente o que está fazendo.

De repente, Zand abre os olhos com um brilho diferente.

- Awra!

Naquele instante aparece Breig, vindo de trás da mansão. Atraídos pela música ou por instinto, Breig e Viex vieram, e trouxeram o general, que estava prestes a partir.

- O que é isso, Tzarend?

- Um presente.

- É... Fabulosa!

- Nossa! - É Viex quem vem agora. - Nunca vi uma lira assim! Corrigindo... Nunca ouvi falar de uma lira assim! Quem fez?

- Não importa.

- Claro que importa! Quem fez... Zand... - Viex lê o nome gravado na lira. - Eu me lembro desse nome... Essa lira é de... Então você é mesmo aquela pessoa... E essa armadura... Oh, puxa!

- Eu sei para onde eles foram. Vamos pegá-los!

- Claro que vamos! Mas antes precisamos tomar café, meu amigo. Então, como suspeitei, você é o amigo do dragão Knova, que foi traído pelos Raxx. Só não sabia que era o bardo Zand. Me lembro de ter ouvido seu nome algumas vezes. Vamos, colega, vamos comer. A hospedaria daqui de Gurian oferece um bom pão à Jericó. E a viagem vai ser longa.

Episódio 32: Perto da Fronteira

A guerra havia acabado. Ou pelo menos dado uma trégua. Metade dos soldados de Noak estava lá, como reféns voluntários ou não, feridos ou não. A outra metade ou morrera ou fugira. De qualquer forma, tudo já estava sob controle enquanto Plórius se aproximava da fronteira, acompanhado por Zand, Viex e Breig. Era o que seus homens diziam quando vinham justamente da fronteira à sua procura.

- Não podemos continuar. Vamos descansar por cinco horas e então seguiremos para Ey Vudeon. - Plórius comunica aos demais. - Já há uns dias estamos nessa viagem, e ainda levaremos mais uns dias até chegarmos lá. Mas temos que prosseguir, não há tempo a perder.

- Gostaria de aproveitar o momento então para informar que eu próprio não os acompanharei. - É Viex quem toma a palavra. E antes que os outros demonstrem suas indagações, ele se prontifica e continua. - A disputa contra os Raxx deixou o reino de Noak. É muito importante localizá-los, não só para fazê-los pagar pelo que fizeram como para prevenir que não vão fazer de novo aqui ou em qualquer outro reino do continente. Porém, Noak está um caos agora. Tenho que voltar para Beniw e tentar por um

pouco de ordem na casa, enquanto esperamos a chegada de Aux Fuzeddin para retomar as rédeas do reinado.

- É justo. - Zand comenta simplesmente.

Breig, um tanto inquieto, termina anunciando também:

- Eu vou junto para Beniw. Preciso ver como está Uglu. E, quando estivermos bem, talvez eu o procure, Zand, ou talvez não tenha mais sentido fazer isso e a gente busque nosso lugar novamente na Diabo M.

- Muito obrigado aos dois. Foram aliados fundamentais em toda essa missão. Tenho que admitir que sem ajuda de vocês eu não teria chegado até aqui.

- Não seja modesto. - Viex responde com um sorriso no rosto. Então se vira para Breig. - Breig, dormiremos também e partiremos para Beniw amanhã, na mesma hora que eles partirem, ok?

- Por mim tudo bem.

Zand olha para o pequeno bastão escrito E-60.

- Fique com ele, colega! Aceite como um presente cortês de um colega de profissão do país vizinho.

- Muito obrigado.

- Espero ainda te ver por aí. É muito bom conhecer colega de profissão e de tanta competência. Apesar de parecer que você anda um tanto enferrujado como bardo...

- Verdade.

- Vamos preparar nossas instalações! Não podemos perder tempo! - Plórius fala e sai para dar ordens a alguns subordinados.

“Zand... O que será que isso significa? Eu já estava firmado como Tzarend quando encontro a lira que Knova fez para mim. E assim, Knova traz Zand de volta. Tanto o bardo como a identidade. Até onde vai esse nosso romance? Ela me 'ajudou'?”

E eles dormem aquela noite. Certamente ainda se passará um dia inteiro até que cheguem na fronteira de Noak com Wimow, e uns dias até chegarem de volta a Ey Vudeon. Zand dorme, olhando as estrelas e relembrando momentos com aquele dragão vermelho que tanto amou.

Episódio 33: Awra

Dizem que eles já tiveram reis, várias dinastias, e que foram muito desenvolvidos, tecnológica e economicamente. Há séculos. Mas há séculos, pelo que dizem, algo aconteceu e desde então, aquela ilha se tornou o que é hoje. Um lugar cheio de pequenas vilas dispersas, sem política. Sem lideranças oficiais.

As pessoas de Awra têm um certo senso de dever e justiça. Não muito mais do que os do pessoal do continente, mas é um senso maior, de qualquer forma. Elas levam uma vida de trabalho como um coletivo. Todos em função do todo. Sem liderança política, é um tanto estranho manterem acordos com nações. Mas sem liderança política, eles não são inimigos de ninguém. É como se fossem uma “nação café com leite”, que não está ali para disputar de fato tudo aquilo que é sempre objeto de desejo de reis.

Ao sul da ilha se encontram florestas e cultos às divindades da natureza. É terra de druidas e rangers. Ao norte a natureza é igualmente adorada, porém é mais escassa. Não é de forma abrupta, a natureza vai rareando aos poucos à medida em que se aproxima do norte.

Também vão rareando os agrupamentos. As pessoas costumam viver do que a natureza lhes dá.

No extremo norte de Awra há um estranho estreito que separa a ilha de uma pequena porção de terra. É o que divide as terras chamadas pelos nativos de Awra Comum e Awra Sagrada.

Na pequena Awra Sagrada, dizem habitar Dothumlgasoas, um raro, enorme e perigoso espécime de dragão marinho. Lá, ele é adorado como um deus, o deus Doth. A ele devotam suas forças. Anualmente, há o Dia de Doth, onde eles servem oferendas no estreito, como presentes a Doth. Em épocas de crise, já foram oferecidas jovens virgens, lançadas em canoa em direção a Awra Sagrada. Mas já faz décadas em que não se ouve qualquer relato de algo do tipo.

As regras de convivência nos pequenos agrupamentos de pessoas (geralmente agrupamentos familiares, que levam também o nome de cada família) são próprias de cada agrupamento. Há uns onde existe poligamia, outros não; agrupamentos só de mulheres, agrupamentos de nômades a percorrer toda a ilha... Há de tudo. Todos eles, em comum, respeitam muito o próprio grupo em que vivem e tudo o mais na ilha. Respeitam a natureza e, frequentemente, respeitam os outros grupos também.

O que se pode dizer, de modo geral, é que as pessoas de Awra são conhecidas por serem pessoas de fácil convivência. Só não suportam a sensação de inutilidade. Nem nelas próprias, nem nos outros.

O que Zand não consegue imaginar é o que Rubi foi fazer lá. Claro, é uma ilha! Uma ilha enorme! Longe do continente e relativamente protegida de ataques de Noak. Certamente foi isso.

À frente do grupo, Plórius já enviou um mensageiro ao rei informando todo o ocorrido. Certamente, não haverá tempo a perder. O rei não vai ficar nada satisfeito de saber que os golpistas de Noak estão ali, tão perto da capital de Wimow, tão perto dele próprio. Plórius e Zand galopam entre os soldados, cansados já, mas esperançosos: é só uma questão de tempo até terem esses bandidos nas mãos.

Episódio 34: Última Escala

Era entardecer quando um soldado se aproximava ao longe. Logo que reconheceu a tropa em deslocamento, aproximou-se de Plórius e lhe entregou a carta.

- Hmmm... Bom!

- O que diz aí? - Zand pergunta.

- Como eu esperava... O rei mandou reforçar a guarda no castelo. A frota real foi convocada para Ey Vudeon.

- E não fica lá?

- Ah, não! Você sabe como é aquela terra sem dono! Aquele reino maldito a noroeste de nós. Todo mundo teme aquela terra. Então a gente estabelece como ponto de concentração da frota real Ey Tiphax.

- Entendo...

- Vamos chegar no castelo e esperaremos a tropa chegar.

- E quanto tempo isso levará?

- Depois que chegarmos, cerca de dois dias até eles chegarem também, imagino.

- Dois dias mais!?

- Mas pode ser que cheguem antes!

- Nós já perdemos muito tempo! Sabe o que é ter um transporte por ar e poder ficar planejando as coisas num canto e noutro enquanto a gente perde tempo se deslocando pelo chão?

- Do que está falando, homem?! É só um casalzinho de bandidos! Vamos dar um jeito neles!

- Claro que não são só um “casalzinho”. Eles tomaram Noak, esqueceu?

- Sim, e para isso eles contrataram um exército de mercenários. Lá eles estarão sós.

“É verdade...”

- E por falar em exército de mercenários, as informações que recebemos não batem com o número de soldados Raxx que encontramos. Foram pouquíssimos,a só alguns em posição de liderança das tropas de Noak mesmo.

- Talvez eles tenham sido “promovidos” a soldados de Noak e por isso não encontraram tantos “soldados sem farda”.

- Talvez... Mas aqueles soldados de Noak pareciam realmente ser soldados de Noak.

- De qualquer forma, dois dias são tempo demais, se pudermos reduzi-lo.

- Não há muito o que fazermos. Só se tentássemos interceptá-los pela costa... Mas esquece! Isso seria loucura! Eles poderiam passar afastados e aí levarmos uma semana até nos encontrarmos, ao invés de dois dias...

- Iutu... Vamos dormir e partimos amanhã cedo para Ey Vudeon.

- Mas estamos tão perto da capital. Podemos prosseguir.

- Não adiantaria. Temos que esperar depois que chegarmos. Certamente a tropa ainda não veio. Seria um esforço desnecessário para todos nós.

- Será?

Zand pega a lira que ganhara de Knova e despeja algumas notas em todos ali. Os soldados param para escutar a música de Zand, com admiração.

Ali em Iutu, a cidade mais próxima da capital Ey Vudeon. Ele fecha os olhos e despeja uma melodia quase desconexa. E estando de olhos fechados, ele pode ver navios com a bandeira vermelha se aproximando. Os vê

de perto e de longe. De dentro e de fora das embarcações. E consegue medir o tempo, por já ter navegado e cavalgado tanto em sua vida de aventureiro.

- Plórius! Vamos a Alvi!

- Você está louco?!

- Você sabe onde Alvi fica.

- Entre Ey Vudeon e Ey Tiphax, mas é loucura tentar interceptá-los lá. Quer perder mais dias?

- Olha, ninguém está mais apressado para chegar a Awra do que eu. Eu jamais toleraria perder mais dias. Estou dizendo para irmos lá porque eu sei o que estou dizendo.

- Sei.

- Eles estão a meio caminho entre Ey Tiphax e Alvi. E eu sei que eles vão parar no porto de Alvi, até para trocar notícias.

- Claro, eles sempre fazem isso, mas...

- Além do mais, dane-se o cansaço da tropa e de todos nós! Levaremos dias por mar até chegar a Awra e não somos marinheiros! Teremos tempo demais para dormir quando estivermos em mar.

- Faz sentido, mas como pode saber que chegaremos a tempo, com tanta certeza assim?

- Eu sou um bardo, Plórius. E tenho meus métodos.

- Não sei.

- Vamos! Eles estarão lá ou não me chamo Zand!

- Está bem, está bem! Vamos lá! Mas não por isso de “não me chamo Zand”. Não tenho a menor ideia de qual vai ser o próximo nome seu que vou descobrir por aí afora. Tzarend, Zand... Mas enfim, vamos ver no que dá.

Episódio 35: Ey Tiphax

Na praia de Ey Tiphax eles cavalgam. Como Zand havia previsto, ali estão os navios da frota de Wimow, para espanto de todos. Não há tempo a perder e Plórius, logo está em um dos navios, conversando com o general do mar, um homem um tanto fora de forma, de cabelos negros e um bigode cheio.

- Vocês tiveram sorte! É o que posso dizer! Já vamos partir para Ey Vudeon em duas horas.

- Que bom, Glouvy! Então em duas horas partimos, certo?

- Certo, Plórius, agora me explica o que está havendo exatamente. Recebemos ordem de voltar a Ey Vudeon, mas nada além. Quem é esse?

- Um aliado valoroso. Zand.

Glouvy analisa Zand de cima abaixo com uma curiosidade momentânea.

- Está sabendo de Noak? - Plórius pergunta.

- Sim, claro. Do golpe que aplicaram por lá, tomando conta do governo. A queda dos Fuzeddin. Você havia ido lá por conta de haver um descendente de Fuzeddin em Ey Vudeon, sob proteção do nosso rei. E você foi pela

fronteira lutar. Pelo que sei, é isso. Pelo visto, obteve sucesso, hã?

- Sim, a batalha foi nossa, mas a guerra continua. Os Raxx fugiram para Awra!

- O quê!? Por... Céus! Como!?

- Sim, eles foram voando na tal da manticora.! Por isso estamos aqui agora. Temos que dar o golpe definitivo e terminar com isso de uma vez.

- Claro! Awra! É muito perto daqui! Esses imprestáveis! E o que eles querem em Awra?!

- Talvez se preparar para atacar Noak.

- Talvez instituir um reinado em Awra. Mas se a ideia deles for essa, esse povo é mesmo louco...

- Bem, Glouvy, para chegarmos aqui agora, dispensamos uma noite de sono. Gostaria de aproveitar esse tempo extra para descanso dos meus homens.

- Sim, Plórius! Claro! Embarque uma tropa por nau e mande-os descansar! Aliás, quantas tropas há?

- Trago noventa.

- Bem... Muita gente, hã? Tudo bem, vamos dividi-los desse jeito mesmo. Você! - Ele grita para fora. - Chame Welk!

Os dedos de Zand deslizam pela lira de Knova. Ele sentado no convés. Os marinheiros ouvem admirados os sons que deixam o instrumento. Ainda com sono, mas a forma suave e melancólica com que toca a lira é como se fosse também uma forma de recuperar suas próprias energias. Como se estivesse descansando... Como se substituísse o sono. Zand estava ali, quase dormindo, mas de prontidão.

Logo, o general Glouvy vem, acompanhado pelo general Plórius.

- Estamos de partida, Zand!

- Finalmente! Não vejo a hora de chegar a Awra.

O general glouvy olha com estranheza.

- Awra? Não ainda! Temos que ir a Ey Vudeon!

- Como!? Não temos tempo a perder!

- Lamento, mas as ordens que recebi são expressas: ir a Ey Vudeon.

- Mas é para atacarmos Awra!

- Que seja! Ou que não seja! Awra pode esperar. O que você espera que duas pessoas façam lá! Pelo que saiba uma manticora. não é grande o suficiente para levar uma tropa.

- Esquece, Glouvy – Plórius entra na conversa –, que eles chegaram em Noak em três e conseguiram recrutar tropas por lá. Eles podem fazer o mesmo em Awra.

- Awra... Que povo louco...

- Relaxe, são só dois.

- Glouvy...

- Vocês estão muito animados para ir a Awra, mas se esquecem de uma coisa. Como eles chegaram em Awra? Voando! E se, enquanto estivermos em alto mar, eles forem até nosso castelo em Ey Vudeon? Quem estará por lá?

Plórius e Zand se calam.

- Percebem o erro que poderíamos estar cometendo? Não se trata de uma aventurazinha inofensiva. É uma guerra e tem muita coisa em jogo, temos que ser estratégicos.

- Nesse caso, não poderíamos ir com parte da frota?

- Parte da... Ora.. - Ele coça a cabeça, impaciente. - Tá, tudo bem! Parte da frota então! Vocês vão com três naus.

- Três?! - Plórius se espanta.

- Sim, o que você sugere?

- Meio a meio!

- Não, senhor. Temos que ter forças estabelecidas em Ey Vudeon para evitarmos o pior! Posso liberar cinco naus.

- Vinte!

- Dez. E nenhuma mais.

- E se eles tiverem já um exército por terra? Eles partiram há dias.

- Você é persistente! Vamos fazer o seguinte e não quero negociar: é o definitivo. Você leva vinte naus e o capitão Welk para ajudá-lo a comandar as naus.

- Tudo bem, e como você vai levar maior parte do batalhão, levará também o capitão Ondité, que o ajudará a coordenar as tropas em terra.

- Tudo bem! Combinado então. - Eles trocam um aperto de mãos.

- Podemos partir. - Então, Plórius se vira antes de deixar a nau de Glouvy de uma vez. - Sabe que isso é bem interessante! Esta manobra ficará conhecida como "general-reverso de Plórius e Glouvy".

Glouvy sorri balançando a cabeça devagar. Parece um pouco mais velho que o ruivo Plórius. Então, divididas as naus, imediatamente eles partem, cada um rumo a seu próprio destino.

Episódio 36: Ataque em Alto Mar

É noite e a gritaria toma conta da embarcação. Zand sai do transe com a percepção exata do que está acontecendo: um ataque.

À esquerda, dois barcos em chamas começam a afundar, enquanto seus tripulantes tentam encontrar abrigo em outros barcos, mas não é tão simples, os barcos estão um tanto distantes e o mar não está exatamente calmo.

A luz da Lua ilumina a silhueta de uma criatura que voa, deslizando suavemente no céu com suas asas de dragão, preparando-se para mais um rasante.

- É um dragão!

- Não pode ser! O monstro de Awra foi desperto!!

Zand nem precisa tocar duas cordas de sua lira para saber que não é um dragão. São os Raxx.

Uma corneta toca com fúria, fazendo um som curto e claro.

- O que é isso? - Zand pergunta a Plórius, que se aproxima correndo.

- É Welk. Está avisando para os barcos se afastarem e...

A corneta faz um outro som. Plórius continua.

- ...E para dispararem os canhões contra o dragão.

- Não é um dragão. São eles.

- Então... Ora, mas isso pode terminar bem mais rápido do que planejávamos! - Então se viram para os soldados no barco. - Força total! Derrubem ele!

Sem soltar a lira, Zand caminha para a proa, soltando algumas notas. De lá ele pode ver com perfeição.

Naquela umidade, de pequenas gotas de água que se espalham por todo canto, à luz discreta daquela Lua, ele vê a estranha criatura de branca pelagem mergulhar do céu e disparar um raio branco azulado do próprio bico.

Mais um navio é abatido. Começa a incendiar, enquanto seus tripulantes se jogam no mar em busca de salvação.

Uma explosão anuncia o primeiro disparo de canhão. Veio de um barco um pouco distante do de Zand. O tiro não acerta a manticora., que muda o trajeto do seu voo para se aproximar desse barco.

Zand não consegue ver com precisão o que acontece, mas após ver a manticora. subindo novamente, ele percebe: o barco foi atacado por congelamento.

Outros disparos, e a manticora. cai no mar.

- Vencemos?

- Estejam atentos! - Plórius grita com a tropa. - Pode ser mais um truque deles. Aquilo que vocês viram é a manticora. dos Raxx!

Após ouvir com atenção, Welk traduz as instruções de Plórius para a linguagem da corneta. Nem mesmo termina de tocar e mais agitação. Alguns notaram e apontaram e Zand e Plórius já confirmam: alguns barcos estão afundando à direita.

De súbito, a manticora. salta de dentro das águas disparando um raio branco em mais um barco, praticamente o rasgando ao meio.

Zand se senta e começa a tocar sua lira.

- Isso não é hora para musiquinha! - Plórius grita desesperado, olhando para os lados, sem saber o que fazer. - Fogo! Fogo total! Descarreguem tudo o que tiverem!

Embalada pela suave lira, a corneta vara a noite com fúria e tão desesperada quanto o general de guerra. E logo canhões disparam por todos os lados. Tiros e tiros.

Uma gargalhada de uma mulher fere os ouvidos de Zand, que pára de tocar a lira. Logo, tudo acaba.

- Eles se foram... - Plórius fala, sem força. - Eles simplesmente se foram. Por quê? Tiveram medo dos nossos canhões? Capitão Welk? Ordene que recarreguem todos os canhões.

- General? Viu para que direção eles foram?

- Não sei! Essa luta foi tão agitada! Giramos os barcos e...

- Para o continente.

- Não... Rápido! Temos que ir atrás deles! Eles não podem atacar Wimow!

Welk vai com sua corneta cumprir seu trabalho de capitão.

- Zand?

- Plórius? - Zand ergue o rosto para o general. Ainda estava com os dedos nas cordas da lira, mas não tocava mais. Quase em estado de choque.

- Está vendo como é uma guerra?

- General! - Welk se aproxima apressado.

- Fale, capitão.

- Segui com o procedimento padrão de contato com as naus da frota. Somente nove sargentos responderam, e um deles tenho certeza de que estava no mar.

- Isso quer dizer que eles derrubaram mais da metade da frota em menos de vinte minutos?!

- Isso é ridículo! - Zand se levanta. - E eu não pude fazer absolutamente nada!

- Estamos em uma guerra, Zand. Em uma guerra dependemos de todos para obtermos sucesso.

- Rubi estava aqui, e eu não pude fazer nada...

Episódio 37: O Castelo de Ey Vudeon

“Absolutamente nada.” A expressão ecoa na cabeça de Zand desde aquele momento. Os demais tripulantes não falaram mais uma palavra sobre o caso.

Vinte naus partiram. Somente sete voltando. O inimigo sem nenhuma baixa.

“Isso é inconcebível! Maldição! Em alto mar contra um adversário voador! Faz décadas que não me sinto tão impotente! Maldita Rubi!”

Eis que o Sol se levanta para revelar a tristeza do fracasso no semblante de todos. A pressa. A angústia e o medo do que pode ter ocorrido em Ey Vudeon. E eles próprios não ajudaram a impedir quando supostamente tiveram a chance nas mãos.

O tempo passa e eles vão se aproximando do continente. O fato de não verem fumaça nem nada parecido não os tranquiliza tanto no final das contas. Em alto mar foram muitos mortos, poucos feridos.

E Zand pensa em Eve... Teria alguém com quem conversar discretamente nesse clima de derrota em que estão todos, se ela estivesse por aqui. Mas ela não está.

Plórius, Zand, Welk e mais dois soldados chegam à praia e já encontram alguns soldados que patrulhavam por ali.

- General? - Eles batem continência, já desmontados dos cavalos, à aproximação de Plórius.

- Descansar. Notícias da guerra.

- Vossa Majestade deseja vê-lo.

Plórius olha os demais e suspira com certo alívio. Se deseja vê-lo é sinal que não houve nada tão grave assim enquanto estavam fora, na batalha em mar.

- Tudo bem, seguiremos para lá. Montaria?

- Cadete? - O que falava com Plórius ordena a um de seus soldados que ceda o cavalo ao general. O soldado sobe em outro cavalo, dividindo-o com o que já estava ali montado.

- Mais dois. Eles vêm conosco. E você... Pode ajudar os homens de Glouvy no que precisarem?

- Sim, senhor general.

Logo Plórius, Zand e Welk, com mais dois soldados que estavam na praia, galopam em direção ao castelo de

Wimow. É nesse momento que Zand finalmente percebe a dimensão que essa disputa tomou.

- Vamos direto ao assunto, sem rodeios: o que vocês pensam que estão fazendo?! - A figura sentada no trono pergunta, alisando a barba já bastante branca. A coroa de ouro rodeada de rubis se destaca em seus cabelos bem penteados.

- Majestade? - Plórius começa. - Creio que antes deva relatar tudo o que houve até então. Não estou certo se os relatos que lhe chegaram não foram corrompidos por um descuido qualquer de um mensageiro.

- Tudo bem, de acordo. Prossiga.

E Plórius narra tudo, desde quando partiu de Ey Vudeon rumo a Noak já há tantos dias. Enquanto os olhos de Zand passeiam pelo palácio.

A rainha está ali, analisando cada um silenciosamente com seu nariz empinado. A rainha Phiana, nome tão famoso na região. Alvo de tantas lendas e críticas. Não é sempre que uma mulher sem sangue real se torna rainha e muda o nome do marido, o rei, ao invés do contrário, que sempre ocorre. Phiana Gyo... Com seu vestido roxo e preto e olhos atentos e agressivos.

Dentre as outras pessoas no salão, Zand distingue o general Glouvy.

Há estátuas no palácio e Zand reconhece uma delas como uma versão jovem do próprio Gyo I. Estranhamente, essa estátua tem uma cor mais desgastada que as outras.

- ...E por isso partimos para Awra. Infelizmente, os Raxx atacaram os navios e afundaram metade da frota.

- Como?!

- A criatura mágica que eles arrumaram é realmente perig...

- Metade da frota!? Quantos navios?

- Levamos vinte. E, na verdade, voltamos com apenas sete, mas uma delas...

- Como pode isso!? Que poder é esse que derruba mais de dez navios e vocês não conseguem capturá-los?!

- Perdão, majestade, nós lutamos como...

- Não! Foi essa ideia estúpida de troca de generais. Não quero mais isso, entendem? Plórius, eu te nomeei general da Terra e quero que cuide dos soldados; Glouvy, eu te nomeei general dos mares para cuidar dos navios!

Welk permanece cabisbaixo ouvindo tudo. Certamente gostaria de apoiar Plórius, mas a hierarquia não permite esse tipo de intervenção.

- E você? - Gyo I se dirige a Zand. - Não é das forças armadas de Noak. É o guerreiro que tem pendência com os Raxx, certo?

- Correto.

- E... É bardo?! Hmmm... Um instrumento muito belo esse seu! - O rei olha curioso para a lira, que Zand traz presa à roupa. - Mas isso não importa agora. Você pode ser definitivo nessa guerra, pois você é o único que temos por perto que conheceu os Raxx. Conviveu com eles por um tempo... Te darei um título de cavaleiro para que nos ajude a...

- Perdão...

- Não me interrompa! Para que.. Fale.

- Majestade, é uma honra, mas eu não posso aceitar.

- Por quê?

- Vossa majestade quer saber para onde eles foram e eles podem ter ido a qualquer lugar. E não convivi com os Raxx, eu convivi com personagens. Pouco sei sobre eles, muito pouco. De nada adiantaria.

- Entendo... - O rei se vira para Plórius. - Então, bem! O que estão esperando?! Movam seus homens! Perguntem em todo canto! E tratem de descobrir onde os Raxx foram! Temos que pegá-los de uma vez!

Episódio 38: Reunião com os Generais

Mais uma vez no escritório de Plórius. Porta fechada. Dentro, apenas os dois generais e Zand.

- Zand... - Plórius para um pouco. Está de costas, pensativo, de pé por trás do birô. - Sei que tem muitos talentos e que um deles é o de encontrar os Raxx. Vimos isso mais de uma vez. Primeiro, naquela cidadezinha em Noak, que eu nem imaginava que eles pudessem estar por lá. Logo depois, Awra.

- Mas não estavam lá, não é? - Glouvy interrompe.

- Claro que estavam! - Plórius se vira para ele. - Fomos atacados em alto mar! Justo no caminho entre Wimow e Awra! É claro que eles estavam em Awra.

- Se eles realmente estavam lá, no fim das contas essa viagem pode ter gerado um prejuízo bem menor às nossas forças do que em outra situação.

- O que quer dizer, Glouvy?

- Pense comigo... Se eles estavam em Awra e se estavam vindo na direção do continente quando encontraram vocês... Bem, por que eles viriam ao continente?

- Céus! Claro! Eles podiam estar pensando em atacar Ey Vudeon desprotegida!

- Exato! E vocês estavam no meio do caminho. Isso talvez tenha significado para eles mais do que um obstáculo. Significou que Wimow estava de alerta e que se eles viessem para cá, teriam resistência.

- É bem provável... - Plórius se senta no birô, já pelo outro lado, pensativo. - Glouvy, um dia quero ter essa experiência sua...

- Quem me vê nota que não tenho tão boa forma, mas estou na marinha de Wimow desde os doze anos.

- É admirável.

- Mas continue. Interrompi seu raciocínio.

- Onde estava... Claro, Zand! Encontrar os Raxx! Sei o quanto pode nos ajudar nessa busca e sei o quanto tem interesse em pegá-los. Também sei do seu talento de encontrá-los. Por que então? Por que...

- Por que não aceitei a oferta do rei?

- Também... Além de recusar a oferta, como você diz, você também minimizou seus talentos perante o rei.

- Por enquanto chega. - Zand fala, ainda como se estivesse em choque. - Cansei dessa guerra. Muita gente morreu.

Não tenho talento para fazer os outros morrerem por mim, se é que me entende.

- Claro... - Plórius responde, pensativo.

- Sabe por que generais não vão pra frente, não sabe? - Glouvy intervém. - Claro que sabe... É pelo conhecimento bélico, das estratégias de combate. Nada mais prudente do que resguardar aqueles que têm talento para tomar decisões que decidem uma guerra. Se homens assim fossem à frente de batalha, de nada adiantaria sobrarem duzentos mil homens. Por isso generais não vão à frente.

- Zand... - Plórius coloca a mão em seu ombro. - Nós precisamos de você.

- Sinto muito. - Zand responde. - Não há muito o que possa fazer por vocês. Agora, se me dão licença...

- Claro. - Plórius responde.

Zand deixa a sala e ainda ouve, enquanto caminha pelo corredor, Plórius falando para Glouvy sobre o primeiro encontro dos dois. Sobre como o pagamento que ele pedira ao general pela missão contratada fora o direito de entrar no castelo para buscar uma certa ladina, e que a ladina era Rubi.

Zand deixa o castelo e segue até o Hotel Prata. Pela rua, sua armadura de escamas de dragão, agora totalmente

exposta, chama muita atenção. Ele não se importa. Caminha até o Hotel Prata para resgatar Tornado.

“Levar muita gente comigo não dá certo. Chamamos muita atenção e, no fim, é desastroso demais. Daqui pra frente, sigo só, como antes.”

Episódio 39: Novamente no Hotel Prata

Da janela, Zand observa a cidade. Tornado está bem, foi bem tratado. Custou caro o tratamento, mas ele tinha dinheiro o bastante para pagá-lo, é o que lhe importa.

Finalmente tirou a armadura para um banho mais demorado e agora está ali, à janela, em roupas leves pela primeira vez em tantos dias.

“Knova... Aqueles tempos de Besouro de Metal... Naquela época eu comecei a tocar banjo. Não tocava banjo no Besouro Fino, só no de metal. E tinha vezes que preferia a lira, que é mais fácil de transportar. Acho que deixei o banjo com Knova... Não, não, eu vendi.”

“Meu caminho não era mesmo esse, afinal de contas. Graças a Knova, estou com meu instrumento inicial. De volta à lira. A de Altapion terminei vendendo também. Não por precisar de dinheiro, foi mais por estar determinado a não seguir mais o caminho de um bardo. E Knova me traz outra...”

“Sinto falta do afeto disfarçado de rejeição de Knova... Sinto falta de Eve, por incrível que pareça. Faz falta alguém com quem conversar, especialmente alguém como ela.”

Zand olha para a mão e vê a Eve-60, o pequeno bastão.

“Definitivamente não é a mesma coisa. Foi muito nobre e cortês o gesto de Viex, é um grande sujeito. Mas não é a mesma coisa. Eve... Será que ainda está abandonada lá no castelo de Noak?”

A Lua entra discretamente pela janela, como quem não quer nada, iluminando o olhar distante do bardo-guerreiro.

“Vai entender... Até daquela vadia da Rubi eu sinto falta! Que ninguém nunca ouça isso de mim! Acho que é falta do corpo, do contato físico. Ela definitivamente não presta. E mesmo que tente prestar, nada mudará o crime que cometeu.”

- Raxx... - Zand fala baixo, com a voz carregada de raiva, misturada a um certo desprezo.

“Deve ser o sobrenome do Halkond. O que será que aqueles dois planejam agora? Não estão por perto, então onde? De volta à Serra do Fogo? Não sei...”

“Eu devia chamar uns aliados para essa missão, talvez... Talvez procurar Viex e ver como andam as coisas por lá, procurar a Diabo M. Independente de qualquer coisa, tenho que me lembrar de procurar a Diabo M para bater

um papo com o pessoal, agradecer. Viex também! E, claro... Altapion...”

“Mas já morreu gente demais. Di em Noak... E tantos outros a caminho de Awra. Realmente chega. Essa guerra é minha. Foi ela quem começou e eu que vou acabar. Ninguém mais precisa se envolver.”

Zand entra e pega a lira sobre a cama e na cama se senta.

“Já havia esquecido como é bom música!”

Seus dedos deslizam pela lira e começam a tocar uma melodia épica e ao mesmo tempo suave.

“Eu ainda me lembro...”

Ele sorri e continua a tocar. Então se levanta e passeia pelo quarto seguindo com a música.

A música é do jeito que ele lembrava, mas está mais forte, mais viva, mais expressiva e tocante. Quanto se deve à lira de Knova e quanto ao amadurecimento de Zand, ele não saberia dizer. É uma música que ele aprendera com Altapion.

“Essa música... Reck V! Era uma ode a Reck V! Deve ter, portanto, uns cem anos! Sim, fala de um confronto que houve no seu tempo. Certo, precisamente 122 anos, 3 meses e 5 dias desde que foi tocada pela primeira vez.

Composta por Dwi Ost, um bardo já velho. Foi feita para lira mesmo e...”

Ele para de tocar e abre os olhos, então olha com surpresa e carinho para a lira em suas mãos.

“É realmente um artefato incrível! Dwi Ost... Eu já ouvi esse nome antes. Altapion me disse de quem era essa música? Não me recordo... A Volta do Rei Reck V era o seu nome. Mas, ora, já é tarde. Preciso descansar um pouco. Amanhã recomeça a jornada. Mais uma vez...”

Ele então fecha os olhos mais um pouco e volta a tocar aquela mesma cantiga suave que vem tocando nos momentos de repouso. E, como das outras vezes, entra em um estado quase que se sono leve. Em alerta, mas recuperando suas energias pouco a pouco.

Cerca de uma hora depois, quem estivesse por perto notaria uma mudança naquele padrão musical da lira. A melodia se perdera e não se encontrara, começando as notas a se colocarem de forma desordenada, como uma música concreta, experimental. Zand abre os olhos.

- Froik!

Episódio 40: Em Torno de Erans

“Eles não vão sair de lá tão cedo.”

Bem que podia ter esperado com calma o momento melhor de partir, mas foi de jeito que nem o dia amanheceu e Zand deixava Ey Vudeon rumo a Froik. Uma longa jornada.

Era plena tarde do segundo dia de viagem quando ele avistou aquela velha cidade. Não Froik ainda. Froik fica em Surdi, no outro reino, além da fronteira. Zand avistava aquela cidade onde pretendia dormir nessa noite. Avistava Erans.

“Foi bom esse tempo sozinho, até aqui. Pude relembrar muita coisa sobre música. Apesar da pressa, a Lira de Knova tem sido uma excelente companhia. E creio que até ao Tornado venha fazendo bem.”

As mesmas plantações de arroz...

“Já pensei tanto nisso, mas não gostaria de perder mais um dia. Poderia ter ido a Diwed ou Efrea para dormir, mas isso resultaria invariavelmente em mais um dia de viagem. Não, eu tinha mesmo que vir por aqui.”

Sobre seu cavalo Tornado, desta vez com um capuz que esconde a armadura de escamas, e com a lira bem à mostra, ele se aproxima da cidade.

“Eu devia vir disfarçado de Nazavo. Se bem que não adiantaria de nada. Eles me conhecem há muito pouco tempo e por um bom período. O jeito é não entrar na cidade.”

Alguns dos trabalhadores da Agricultura o olham de longe, curiosos. Zand não tem dúvidas de que o reconheceram, mas imagina que eles estejam incertos se é realmente o mesmo morador antigo dessa cidade que se aproxima. Aquele que sumira ao ir de encontro a um dragão vermelho.

“Há um bardo na cidade. Um bardo jovem e incompetente. Medroso, que não pensa em sair. Mas ele tocava lira e gostava de animar festas, quando os comerciantes e fazendeiros não se juntavam para contratar um cantor de fora. Fico curioso sobre que músicas ele pode ter feito ao meu respeito, após o incidente com a Knova...”

- Zand!?

Um rapaz de doze anos corre em sua direção.

- Menino! Para! Não! - Sua mãe protesta, dali, dentre os pés de arroz, com as mãos na cintura e um pano alaranjado prendendo os cabelos. É inútil.

- Zand!? É você mesmo?

- Krazif... Silêncio, tá?

- Tá. - Ele fala, em voz baixa, mas sorrindo.

- Sou eu, mas ninguém pode saber que estou aqui.

- Onde esteve, Zand? Disseram que você tinha morrido! - Ele olha para trás e vê o grupo se juntando ao redor da sua mãe. Estão fofocando sobre o visitante e sobre a imprudência do rapaz.

- É uma longa história. Prometo que te conto no futuro. Olha, gostaria muito de visitar, rever todos, mas não posso. Não ainda. E preciso de um favor.

- O que quer que eu faça, Zand?

- Você poderia comprar comida para mim. Te dou o dinheiro e você vai. Preciso de suprimentos para uma longa viagem.

- Sei... - Krazif fala distraído, alisando o pescoço do Tornado. - Posso ir com você?

- Não, Krazif. É uma missão séria e muito perigosa.

- Mas eu queria... Eu quero ser um guerreiro como você, Zand.

- Tudo a seu tempo...

- Deixa, vai!

- Não. - Zand separa o dinheiro e lhe entrega. - Acho que 20 pados dá...

Então vê o jovem cabisbaixo, com a mão direita descansando entre a crina do Tornado.

- Ei, não fique assim. Prometo que quando voltar eu te treino. Tudo bem, assim?

- Jura!? Sério mesmo!?

- É, mas... Fala baixo! Para todos os efeitos, você só está fazendo favor a um estranho, que não acha correto entrar numa cidade estranha, que não quer ser revistado nem interrogado pela guarda. Só isso.

- Está bem! Chego já! - Ele pega o dinheiro e corre para Erans para comprar o suprimento de Zand.

“Espero que esteja fazendo a coisa certa. De qualquer forma, seria divertido ter um aprendiz.”

Episódio 41: Canções de Viagem

Já faz mais de um dia que Zand reduziu o ritmo para poupar Tornado. Descobriu que aquilo que ele resolveu chamar de “Canção do Repouso” também afeta Tornado e que nenhum dos dois precisa mais dormir realmente, desde que não forcem muito seus organismos. Então, melhor ir devagar e sempre, foi o que concluiu.

“Rubi ainda está lá. Bom refúgio ela encontrou. Ninguém a procuraria em uma cidade pequena no reino de Surdi. O céu está claro; e o tempo, agradável. Ainda é próximo da hora do almoço e...”

Ele para por um instante. Então toca algumas notas, interrompendo a melodia anterior.

“Como pensei. Estamos mesmo próximos à fronteira. E há soldados ali. Não sei se de Wimow ou de Surdi. Mas de qualquer forma, tenho que ter o máximo de discrição. Não quero que Rubi fuja de novo por nada!”

Zand desvia o caminho com seu Tornado e segue por algumas horas, contornando o que ele percebera como um posto de soldados.

“Froik ainda está um tanto longe, mas creio que indo nesse pique eu chegue por volta de meia-noite. Já me

imagino chegando lá e surpreendendo Rubi. Ela vai implorar perdão, mas não vai ter.”

A estrada por onde segue é um caminho utilizado por pastores daqui. Há muito mato. É uma estrada estranha, de qualquer forma.

“Seria bom uma espada de verdade. E-60 é uma arma muito boa, mas tem seus usos. Confronto direto não é um deles. Eu a utilizaria como 'arma secreta', creio que seja muito boa nisso.”

Um bando de pássaros agourentos fazem círculo ao longe, em direção contrária à dos policiais. Zand olha para lá um pouco e sorri, sem graça.

“A Morte sempre nos acompanha. A nós, aventureiros. Persegue. Às vezes bem de perto, às vezes ao longe. Nunca se esquece de nos deixar claro o quanto corremos riscos e que é só por capricho dela, muitas vezes, que continuamos vivos...”

“Interessante como eu percebi a presença de policiais ali. Sei que eles estavam lá, mas não sei muito além disso. Talvez se eu praticar um pouco esse gênero de canções de bardo, possa reproduzir o efeito que Viex consegue com sua Janliet. É um outro caminho o que consigo com Lira de Knova. É mais para a localização, enquanto o dele parece

ser mais uma leitura panorâmica de pensamentos superficiais. Talvez seja mesmo muito diferente...”

“Vejo como... Se eu alterar o tempo daquela melodia e restringir os acordes a um campo diminuto talvez eu possa...”

Ele muda mais uma vez a forma como toca a lira, experimentando sua nova teoria.

“Não sei se funcionou. Não notei nada demais... Vou testar isso quando estiver rodeado de pessoas. Talvez assim eu consiga fazer uma espécie de radar. E talvez eu precise mudar sutilmente minha concentração também para isso...”

Horas depois lá estava Zand, no meio da tarde, almoçando. O lugar, a sombra de uma árvore frondosa qualquer. O almoço é rápido e ele monta novamente em Tornado para partir rumo a Froik. Testou a nova Canção Radar, quando alguém se aproximava, e aos poucos vai definindo melhor a canção e ela vai se aproximando daquilo que ele deseja.

Depois desse almoço, Zand segue lento, movido apenas pela Canção do Repouso.

Episódio 42: Boa Noite, Velho Amigo

Debaixo de uma árvore, um cavalo se deita. A árvore não está tão exposta, é um pouco afastada da rua principal. Zand se despede de Tornado, por ora. Não o prende. A qualquer momento, no dia seguinte, os dois se encontrarão de novo, é o que planeja. Zand deixa Tornado porque Froik está logo ali.

Froik é uma cidade pequena. Não muito diferente das cidades pequenas de Wimow. Por essas ruas pequenas, Zand passa tocando uma suave cantiga de ninar com sua lira.

Suave e discreta, para a cidade que dorme.

Tudo está deserto. Absolutamente ninguém nas ruas e os bares fechando. E ainda nem é tão tarde assim...

Caminha até a frente de um pequeno templo e se senta, encostando-se na entrada, num lugar discreto.

“Como é bom se encostar em algo depois de tanto tempo a cavalo...”

A viagem tem sido longa e cansativa, exceto pela Canção do Repouso, que ajuda um bocado a minimizar o cansaço.

Zand se encosta e descansa um pouco, o descanso real, não mágico.

“Taberna de Froik”. É isso o que está escrito na placa daquele estabelecimento. Mal dá pra ler e o estabelecimento está quase vazio. Tem sido assim nos últimos meses. A cidade é uma cidade pacata, mas tem se mostrado ainda mais pacata do que de costume.

Um homem sai e caminha devagar pela calçada. Ligeiramente tonto, mas nem tanto. Ou talvez caminhe devagar por achar que assim disfarce melhor a ligeira embriaguez.

Segue com seu casaco verde de listras amarelas inclinadas, de mãos no bolso. Um lenço amarelo claro preso ao pescoço e um jeito esguio. Olhando para baixo num ângulo muito discreto, ele segue.

Em sua mente pouco preocupada, pensa em seus planos.

“Awra parece não ser um lugar tão sossegado quanto eu pensei... De qualquer forma, tudo está correndo bem. Em quinze dias teremos resposta da Guilda Dessurdi... A Guilda Runamat já declarou apoio.”

“Também, só falta esperar a galera da 20 Horas voltar para que tenhamos ainda mais força. Creio que em dois

meses estejam aqui. E assim teremos o apoio de três grupos enormes de ladinos, a coisa vai seguir muito bem, além de tudo aquilo que conseguiremos. De qualquer forma, dois meses... É um bom período para descans...”

- Boa noite...

Aquela voz o surpreende e traz num flash lembranças indesejadas. Ele se recompõe e se vira para o lugar de onde a voz veio.

“Claro que não pode ser ele. Não aqui, não agora.”

Do templo, sentado, o estranho continua imóvel.

- O que você quer?

- Você sabe o que quero. - Ele se levanta, ainda escondido pelas sombras da noite. Suas mãos se movimentam um pouco e um som suave preenche o lugar, uma música de lira.

- Não tenho trocado. - Seu coração começa a bater mais depressa.

- Não importa. - Ele dá alguns passos e finalmente deixa as sombras. - ...Halkond.

Episódio 43: Primeira Dose de Vinganca

- Zand!? Mas que... Zand! - Halkond se apoia nas escadarias do templo para se sentar, desconcertado. - O que faz por aqui?

- Nem imagina?

- Bem, imagino que haja algum mal entendido.

- Mal entendido... - Zand se aproxima, mas mantém certa distância, com ar totalmente descrente das palavras de Halkond.

- Imagino que você esteja pensando que nós traímos sua confiança, não é mesmo? Mas não... - Halkond se vira para o outro lado e continua a falar, sentado nas escadas e de costas para Zand. - Nós sabíamos o quanto você era prisioneiro daquele dragão.

Halkond faz uma pausa com um suspiro lento. Então prossegue.

- Nós criamos todo o cenário para que você pudesse ser libertado. - Então se vira para Zand abruptamente. - Você percebe, meu caro!? Você era um prisioneiro emocional! Nós te libertamos disso para que possa enfim conhecer

mulheres de verdade sem perigo de ser destruído por um monstro.

- Mulheres de verdade... Como Rubi?

- Sim, sim! Mas não Rubi, claro! Rubi é minha esposa! Você não imagina o sacrifício que foi para mim permitir que você a conhecesse... Mas enfim, você está livre agora!

- Entendo... - Zand fala lentamente, deixando claro que não aceitou uma palavra.

- Claro que tínhamos a ambição de conquistar o tesouro do dragão, não vou mentir. Mas sinceramente? A liberdade emocional é um tesouro muito maior que tanto ouro e pedras preciosas. E vejo que encontrou a lira! Claro, deixamos para você.

- Deixaram para mim... Jogada em uma cidadezinha de Noak?

- Ora, você acha que... Não! Claro que deixamos para você! Se não tivéssemos pensando em você, teríamos simplesmente quebrado esse instrumento, não acha? - Ele se vira de costas, já próximo de Zand. - Afinal, nenhum de nós toca nada, então um instrumento musical para nós dois não tem qualquer valor!

Em uma fração de segundo, um fino sabre até então oculto sob a roupa de Halkond deixa sua bainha, num

golpe rápido em direção ao pescoço de Zand. O golpe é aparado justamente pela lira. Outros dois golpes vêm igualmente rápidos, continuando a sequência. Um visando o pescoço pelo lado oposto ao da tentativa anterior. Esse golpe faz Zand mover a lira para apará-lo também. Neste momento é que Halkond gira a espada para a barriga de Zand, num golpe do outro lado. O golpe acerta, mas não parece ter surtido qualquer efeito.

Zand calmamente tira o manto e o coloca num degrau do templo, descansando a lira sobre ele.

- Você!? - Halkond se assusta ao notar as escamas que Zand traz sobre o corpo. "Uma armadura de escamas!? Mas ele está desarmado..."

Halkond salta contra Zand em dois golpes rápidos. O primeiro é aparado por um dos braços de Zand. O segundo é afastado por Zand, numa esquiva que força a baixa da guarda do agressor. Em sua mão, o polegar aciona a lâmina brilhante da E-60.

- Argh!!

Halkond cai de costas no chão, ferido por essa arma inesperada.

- Você... Nós o subestimamos...

O sangue vai deixando seu corpo aos poucos. Zand, de pé, intacto, o encara. A espada ainda ativada. De repente, Halkond gargalha.

- Você... Você só me venceu porque eu estava sem a Lança de Raphro! Hahahaha! Argh...

Zand se aproxima do inimigo caído. As imagens do beijo de Rubi enquanto eles o deixavam na caverna com o corpo de Knova invade sua retina.

Um corte no pescoço termina a história para aquele ladino metido a guerreiro nobre.

- Não, você perdeu porque Knova está comigo. - Zand se afasta então para. - E a lança se chama Roph-Raph, idiota.

Episódio 44: A Praça de Froik

“Um já se foi... Espere...” Zand volta ao corpo sem vida de Halkond e lhe tira o sabre. Golpeia um pouco o ar com ele. “Não me parece exatamente mágico, mas é uma arma muito bem construída.”

- Depois de tudo que você nos roubou, acho que tenho o direito de lhe tomar isto.

Zand confisca a espada.

“Sei que Rubi está aqui. Em algum lugar. É mais do que claro. A essa hora da noite, deve estar dormindo. Seria bom acordá-la e matá-la ainda de madrugada?”

Zand caminha até a praça da cidade. Uma praça grande para uma cidade tão pequena. Vários bancos espalhados, quase todos abandonados. Mendigos dormem em alguns deles. Zand caminha até o meio e se senta um pouco. Deixa as espadas de lado e começa a tocar com a lira.

A melodia baixa não incomoda os que dormem. A Lua Minguante, quase se extinguindo para voltar a ser Lua Nova, acena ao longe.

“Para onde será que vão os dragões quando morrem? ... Talvez para muito longe dos homens, para perto do seu deus Drako. Quem sabe... Será que nos veremos um dia, Knova? Será que os deuses nos darão outra chance ou a chance que desperdiçamos estará perdida para sempre?”

- Os deuses nos dão uma chance
“E nós nem sempre conseguimos
Aproveitar...
Aproveitar...

A vida nos leva pra longe
Distante do que era importante
Outro lugar...
Outro lugar...

Os deuses às vezes nos dão
Uma dádiva e não conseguimos
Acreditar...
Nem enxergar...

E os crimes na desilusão
E o sangue jogado no chão
E o medo e, enfim, traição
Quem poderá dar seu perdão?

Os deuses nos dão uma chance
E a esmagamos com nossas mãos

Sem hesitar
Sem hesitar

Os deuses nos dão uma chance
E outra chance quem nos dará?
Quem nos dará?
Quem nos dará?"

Zand olha ao seu redor. Um dos mendigos se mexe um pouco em um banco mais próximo, mas continua dormindo. Ele suspira e volta a tocar a lira. A Canção de Busca. Não se demora muito nela para descobrir exatamente onde Rubi está.

"O que vou fazer? Será que estou pronto, por Knova!? Rubi certamente está dormindo. Sei exatamente qual a sua casa e sei o quarto e até os móveis que estão por lá. Devo ir agora ou esperar que desperte? Procurá-la pela manhã para humilhá-la e arrancar seu couro em praça pública, diante de todo mundo? Ou devo entrar em seu quarto como um fantasma que veio lhe cobrar a vingança? Olhando bem, depois de tudo o que passei... Essa minha história daria um bom poema épico... Quem sabe, depois que tudo terminar... Graças a Knova, estou na música outra vez, quem sabe..."

"Independente disso, tenho algo a fazer e, pensando bem, acho que já esperei tempo demais. Vou até sua casa."

Episódio 45: Reencontro

É uma casa grande. Tem primeiro andar. No primeiro andar, uma varanda. A janela aberta.

Não é dificuldade nenhuma para um aventureiro escalar a frente de uma casa e transpor a janela. Não demora e Zand está ali, dentro do quarto.

“Não pode ser...”

A vista vai se acostumando à escuridão e Zand percebe que não há ninguém. Os lençóis na cama estão revirados, mas nem sinal de quem os revirou. Não há sinal de Rubi.

Ao lado, na parede, um guarda-roupas bastante grande. A porta está quase de frente à janela. Está entreaberta. A cama é de casal.

- Me procurando?! - Uma voz vem de fora da casa.

“Céus! Eu reconheceria essa voz até no inferno!”

Zand vai até a janela e consegue ver. Ainda de babydoll, Rubi, ali, em frente à casa, olhando para cima.

“Como ela soube?!”

Zand salta da casa e cai diante dela.

- O gentil Zand que conheci não tinha o costume de invadir o quarto de senhoras.

- Cale-se! Já basta de você! Vim terminar isso de uma vez por todas.

Rubi dá de ombros, com desdém. Não parece surpresa por ver Zand.

“Ela parece não ter se surpreendido com a armadura de escamas. Talvez não tenha reparado bem ainda, afinal, estava dormindo.”

- Você não devia ter vindo.

- Mas vim. Quais suas últimas palavras?

Uma gargalhada de divertimento ecoa pela noite.

- Você me diverte... Faz alguns dias que não tenho diversão por aqui. - Ela alonga o pescoço, como se estivesse prestes a fazer um mero exercício matinal. - Gostou da minha casa? É, era dos meus pais, mas isso não importa mais, sabe? Ora, que interessante!

Ela olha com curiosidade para Zand.

- Vejo que encontrou a lira! Hahaha! Que bom! Eu também encontrei algumas coisas por aí, sabia?

Ela apresenta a mão direita.

- Não...

- Sim! Eve está comigo. É uma companhia legal... Ela me fala muito de você.

“Eve!? Traição! Mas... A essa altura eu já devia estar bem acostumado a não confiar nas pessoas. Maldita Eve! Não esperava isso de você!”

- Tudo bem, pode ficar com ela. Também terminei encontrando algo por aí... - Zand mostra o sabre.

- Halkond?! Você o matou?! Não acredito... Como ele pôde deixar isso acontecer!? Bem, acho que sobrou para mim vingá-lo, não é mesmo?

“Com que frieza a mulher recebe a notícia de morte do marido!? Ela não tem mesmo coração!?”

- Você vai... - Zand começa a correr contra ela, mas é interrompido por um barulho vindo dos céus.

Enquanto Zand pára novamente, Rubi se afasta com dois rodopios para trás. Diante dela, num estrondo, cai uma criatura monstruosa. Agitando os tentáculos vermelhos, a enorme criatura branca encara Zand com seu olhar felino. Olhar felino em uma cabeça de águia gigante.

- Haha! O que acha do meu bichinho, meu bem? Nazavo gosta?! Hahahahahaha!

- Não vai adiantar se esconder atrás de um Poodle! Você vai pagar por tudo o que fez, maldita!

- Apenas tente...

Episódio 46: A Manticora

Em movimentos absurdamente rápidos, o salto de Zand foi interrompido. Um dos tentáculos praticamente arrancara o sabre de suas mãos, enquanto uma das patas dianteiras o arremessara longe ao tentar cravar as garras em seu corpo. Apenas sua armadura de escamas evitou o pior.

Zand se levanta ofegante.

- Hahaha! O que está pensando, Zandinho? Eu conheço você. Você não pode derrotar o Uartroat.

- Quem?

- É o nome do mago que criou este ser. Nós usamos o nome dele para nos referir à criatura. Magos são criaturas bacanas, mas são muito perigosas para continuarem vivos depois de atenderem aos nossos pedidos, sabe? Uartroat... É uma criatura maravilhosa, você não acha? E a essa altura creio que seu criador não precise mais do nome... Hahaha!

Zand se levanta e vê aquela Rubi com a boca escancarada a gargalhar, segurando E-64. Diante dela, aquele monstro enorme, quase como uma muralha. Ele sente um arrepio com aquela visão.

- O que aconteceu, Rubi? Por que tudo teve que caminhar desse modo? Parecíamos ir tão bem...

- De que modo? Tudo saiu direitinho como o planejado! Tudo, sabia? Quer dizer, só não esperávamos que Wimow nos atacasse tão cedo lá em Noak. Se tivessem esperado mais uma semana, estaríamos bem, mas parece que adivinharam o momento...

Zand sem o sabre que tirara de Halkond, ativa a E-60. Aquele brilho azulado chama a atenção de Rubi.

- Ora, ora! Que brinquedinho interessante!

Logo em seguida, a manticora. está ali, golpe atrás de golpe tentando atingir Zand.

Zand tenta se esquivar, mas o máximo que consegue é diminuir o estrago que os golpes lhe causariam. Vez por outra atinge partes da criatura com a E-60, mas não parece surtir muito efeito. Muito pelo branco voa nesses golpes mas, fora isso, nada mais.

Um tentáculo prende seu braço e o arremessa para o alto. Zand vê o céu, a criatura, Rubi. A cidade está deserta ainda, mas certamente as pessoas não estão ali assistindo por puro medo e não por ainda estarem dormindo.

Girando no ar, o corpo de Zand cai no telhado de uma casa próxima. Quebra telhas e cai sobre uma mesa na cozinha.

“Maldita... Meu corpo dói... Ela está brincando comigo. Eu vi como essa criatura destruiu navios a caminho de Awra! Se quisesse, ela teria me matado já. Maldita Rubi...”

- Zandinho? Onde você está?

Zand tenta se levantar, mas as costas doem. Mesmo assim, ele se esforça. Não há outra alternativa. Tem que arrumar um jeito. Não veio de tão longe para perder.

- Zand? Nós estamos esperando, viu? Se não aparecer logo, Uartroat vai aí te buscar!

Zand caminha em direção à saída da casa. Metade dos seus ossos doem. Ele vai, cheio de poeira, em direção à porta. Pode ver, com o canto dos olhos, os moradores da casa olhando para ele assustados, do outro cômodo.

Chega até a rua e percebe que a E-60 não está mais em suas mãos.

“Como derrotar um monstro desses?” Sorri, no meio dessa dor toda, ao se dar conta de que não sabe a qual dos dois monstros se refere.

Episódio 47: Gato e Rato

Um mergulho estranhamente ordenado para uma criatura tão grande e desengonçada. Foi um salto para tomar impulso e um mergulho com o bico. Num movimento de puro reflexo, Zand salta de lado, rolando no chão e terminando a pirueta acocorado. Para e olha o cenário com a atenção que o tempo lhe permite.

Não é muito. Após derrubar a parede daquela casa que Zand “visitara” há tão pouco, a manticora. alçou voo. E agora despenca como uma pedra sobre Zand.

Ele rola de novo no chão para se esquivar. Sua armadura de escamas vermelhas já não está tão vermelha quanto há algum tempo. Poeira e sujeira.

A criatura encara Zand. Ele olha para uma janela do lado e corre em direção a ela, sem tirar os olhos da criatura também.

Como planejara, chegam quase ao mesmo tempo. Zand chega antes só o suficiente para fazer o que acabara de planejar. Ele apoia o pé na janela e salta para o telhado e do telhado sobre a manticora., montando-a. Ela perde um pouco o controle e termina derrubando mais um muro.

- Ora, ora! Isso está ficando interessante! - Rubi se senta na calçada do outro lado da rua, com um sorriso estampado no rosto.

“Droga, esse bicho é muito duro... Parece feito de tapete! E é largo demais pra ser enforcado! E eu sem arma...”

Zand aplica dois socos no pescoço da manticora. É só o que consegue fazer. Um dos tentáculos gira e acerta em cheio seu peito, o arremessando no chão.

Zand mal tem tempo de se levantar enquanto o monstro se vira novamente para ele. E tem que saltar e rolar no chão mais uma vez para se esquivar do gigante branco.

“A Roph-Raph!”

Seus olhos brilham e ele fita as casas na esperança de recordar qual era a casa onde Rubi estava.

“Definitivamente não é o melhor momento para revirar um quarto em busca de algo, mas não me resta muita alternativa...”

- Aquela!

Zand pula, enquanto um dos tentáculos da manticora. passa cortando o ar por baixo dele. Seus pés tocam o chão novamente e ele se joga em um rolamento para fugir do bico, que já vinha complementar o ataque.

Do rolamento, ele segue à casa.

- O que você pensa!? Por que a alegria? Você não desiste, não é, Zandinho?

Barulho de asas. Zand pára e olha para trás. Para cima... Um rolamento de lado, rápido! Por muito pouco não é atingido em cheio.

- Ah, acho que sei o que você está pensando... Hahahaha! A lança! A lança não está lá, está na casa de Halkond. Felizmente você não sabe qual é... E, convenhamos, mesmo que soubesse. Até quando...

Uma das patas pisa prendendo a coxa esquerda de Zand ao chão. Ele cai ao barulho da lira no chão.

“Vou acabar destruindo nós dois.”

Zand olha para a lira. Uma das garras fincou na coxa direita e, não fosse a armadura, teria atravessado sua perna. Ainda assim, a dor é grande.

- Está vendo? O que eu ia dizendo... Ainda que soubesse. Acha mesmo que ia conseguir...

“Estou fazendo errado...”

Num insight, Zand pega a lira.

- ...pegar a lança, esqueça!

Seus dedos deslizam pelas cordas da lira de Knova. Quase em transe, Zand se distancia das dores de seu corpo. Toda sua concentração voltada para a lira. Começa uma melodia que não conhecia. Uma canção estranhamente suave para o momento tão frenético. Como uma trilha sonora capaz de alterar o andamento de uma história, tudo muda. Simplesmente, tudo muda.

Episódio 48: Como Dois Amigos

“Eu controlo a manticora...” Zand não se mexe. Continua tocando a lira, totalmente concentrado. A manticora. levanta a pata, libertando-o, mas ele permanece no chão por enquanto.

- Como!?

Rubi pergunta, mas Zand nada fala. Está concentrado demais nessa melodia.

“Há um controle anormal de Rubi sobre a manticora. Por um instante eu consegui me interpor entre a manticora. e esse controle, mas sinto que um passo em falso, uma nota fora do lugar, e o controle de Rubi vai ser reestabelecido.”

Ele se senta.

- Ainda me surpreendendo. Muito bem, Zand. Mas acha que não consigo derrotar essa criatura? Eu a conheço muito bem, sei seus pontos fracos. E Eve está comigo.

“A maldita está tentando me desconcentrar...”

- Mas eu sei que você não a controla totalmente e, além do mais, está ferido.

Zand sente sua perna queimar com o corte da manticora., mas não pode desistir agora. Não estando tão perto do momento com que tem sonhado nos últimos meses.

“Calma...” A melodia prossegue. A manticora. respira de um modo tão sonoro... Talvez por estar assim tão perto, talvez por estar cansada da perseguição. Zand prefere não pensar em uma terceira possibilidade.

Rubi sorri.

- Sabe, Zand, talvez eu devesse mesmo ter recrutado você. Eu terminei recrutando, mas para uma missão só, afinal, esse era o plano. Mas você terminou se mostrando um sujeito muito mais competente do que eu esperava. Tenho que admitir, fazer o quê?

“Ela está tentando retomar o poder sobre a manticora., enquanto... Me distrai...”

- Mas eu estava com Halkond, não é mesmo? Sim, apesar de muito inteligente, ele no fim das contas não sabe lidar muito bem com derrotas. Acho que ele não costuma perder justamente por ser muito inteligente. É engraçado, não é? Mas, voltando...

- Cale-se!

- Por quê? De que tem medo, Zandinho? Tem medo de no fundo ainda gostar de mim?

- Não vou te poupar.

- Ah, não? Bem, que pena... Então vamos ter que terminar mesmo. Mas tudo bem, eu sei me virar sozinha. E, no fim das contas, a Eve está comigo. Sabe que ela está louca pra falar com você? Acho que você a magoou. Quando virar fantasma, vê se bate um papinho com ela, tá?

“A manticora...”

O suor escorre de Zand, ainda sentado. A manticora. respira cada vez mais ofegante e ele sabe que não vai conseguir resistir muito tempo.

- Diga a Eve que não se incomode, pois já estou acostumado com traições. Alguém me treinou nisso.

- Ora, ora... Aposto como ela está se importando muito com isso a essa altura... E não vou dar recado nenhum, Zand, não sou menina de recados. Logo, logo você vai poder dizer isso a ela pessoalmente.

“Droga, o que estou fazendo?”

A música continua preenchendo o lugar. Uma trilha sonora suave e dois rivais conversando como velhos amigos.

- Hahaha! Olha pra você! Não vê a hora de aceitar a derrota? Que coisa, Zandinho! Qualquer um pode

perceber que você não tem mais forças. Nem consegue fazer mais com Uartroat do que mantê-lo paralisado. Você é patético, sabia?

“Maldita ladina...”

Episódio 49: Chega de Conversa

- Olha, Zand, você já rendeu o que tinha que render e já fez o que podia ter feito. Você interrompeu o meu sono e cá estamos nós, o dia amanhecendo e nós dois aqui com cara de besta.

“Tenho que manter o controle...”

Algumas janelas ao longe já se abrem timidamente para mostrar aos moradores mais ousados a rara batalha que acontece em uma cidade tão calma.

- Eu estou começando a ficar com sono e preciso dormir mais. Já basta, sabia? Por que não desiste logo? Uma morte rápida e pronto, te deixo em paz! Simples! Ah, a propósito... Bonita sua armadura, Nazavo guardou umas escamas para Rubi?

Por pouco a música não se perde em outros caminhos. “Como ousa...” Uma flutuação rápida na música e em seu encanto, que Zand logo retoma para o que vinha tocando. Ao invés de perder o controle da melodia, ele tenta se erguer. Com enorme sacrifício, mas ele consegue ficar de pé, ainda tocando a lira.

- Ai, você é persistente! Mas acabou.

Rubi também se levanta empunhando a E-64 e corre enquanto Zand faz a única coisa que consegue planejar por instinto nesse momento. Utilizando o controle pela música, Zand ordena que a manticora. ataque Rubi.

Em uma fração de segundos ele pensa nas possibilidades. A lança está na casa de Rubi ou na de Halkond? Conhecendo-a como conhece hoje, Zand sabe muito bem da alta probabilidade de ela ter blefado. A cama onde Rubi dormia era de casal, afinal de contas. Será que Halkond tinha realmente uma casa à parte da dela?

Por outro lado, ele acredita que sabe mais ou menos onde a E-60 foi parar. Então, restam três opções: procurar uma lança que não sabe se está lá e nem onde exatamente está, caso lá esteja; procurar uma espada mágica que ele também não sabe com precisão onde caiu, que não conseguirá aparar a E-64 em um confronto direto, e ele próprio não tem mais condições de se esquivar; ou ficar apenas olhando e torcendo para a manticora. derrotar Rubi.

Procurar a lança usando uma canção de busca de sua lira é algo que realmente lhe passou pela cabeça, mas isso provavelmente o faria perder o controle sobre a manticora. e tudo poderia estar perdido desde então.

Antes mesmo que a manticora. parta em direção a Rubi, que também mostra os primeiros passos largos de um ataque rápido como a morte, Zand decide ir à casa em busca da lança. Nessas horas a mente é muito mais rápida que o corpo e todo esse planejamento e ação não durara mais do que um quase nada.

Zand se lembra, para reafirmar sua escolha, que “Rubi é aventureira. Se não achar a lança, devo achar qualquer outra arma que sirva”. E, no instante em que a manticora. parte, ele próprio começa a correr, forçando a perna machucada, em direção à casa de Rubi. A manticora. parece obedecê-lo e partir em direção à antiga mestra, que vem empunhando a espada-lar de Eve. E Zand corre dali em direção à casa de Rubi. O sangue deixa sua perna como um rio, mas ele vai, acima da dor, depositando na Roph-Raph sua última esperança.

Episódio 50: Fluxos

Uma explosão. Uma explosão surda. Zand olha para o lado ainda correndo, mas para. Apenas o corpo de Rubi caído ao chão.

“Caramba! Aquele monstro daquele tamanho sumiu?”

Um grito distante destrói essa teoria. A manticora. voa num voo torto e estranho para longe dali.

Zand dá alguns passos em direção a Rubi. Seu receio por estar desarmado diminui um pouco ao se dar conta de que ela também está desarmada.

- Terminou?

Suspira, olhando o corpo imóvel de Rubi, caído de qualquer jeito ali no meio da rua. Sem tanta pressa, ele se aproxima para constatar o estado preciso da ladina.

- Zand! - Rubi abre os olhos e sorri, de um jeito diferente.

- Qual o truque agora?

- Truque?! Que truque?

- ...

- Deu certo. Tudo como planejei.

- Você já falou isso. Espero que também tenha planejado...

- Zand! Não está me reconhecendo?

- ...

- Sou Eve!

“E essa agora... Pensa que eu ou idiota ou o quê?”

Zand desce o punho fechado em um golpe rápido e firme, que ela desvia numa esquiva rápida, logo se colocando de pé.

- Entendo que deva estar confuso com tudo isso. - Ela fala, a uma distância segura. - Você se lembra de como eu fui parar dentro daquela espada?

- O choque de energias.

- Sobreposição de fluxos! Energia espiritual contra energia mística. Desde que soube dessa besta que os Raxx estavam controlando pensei que seria uma ótima oportunidade para fazer um experimento.

- Pare com isso, criatura estúpida! Você acha mesmo que vou acreditar que você não é Rubi?! Você não vai escapar da minha vingança assim!

- Entendo que não acredite. - Ela olha um pouco em volta. - Espera!

- Não fuja! - Zand dá alguns passos e para com a dor na perna. E olha aquela mulher ir até uns pedaços de madeira, frutos da guerra entre Zand e a manticora. Ela volta com dois pedaços.

- Toma! - Ela joga um dos pedaços para Zand e fica com o outro. São duas varetas de madeira. - Tente me derrotar.

Zand olha para a tira de madeira em sua mão surpreso. Olha para ela, já em guarda diante dele.

“Só pode ser um truque. Ela quer que eu me desgaste para me derrotar fácil... Mas não.”

Zand salta contra ela aplicando um golpe rápido à altura do diafragma, mas ela faz a espada improvisada deslizar em sua própria espada de madeira, que logo em seguida gira rapidamente em direção ao pescoço de Zand.

Zand se abaixa em esquiva e mal consegue aparar mais dois golpes, que vêm em sequência. O terceiro golpe acerta sua armadura de escamas, num estalo pouco ameaçador.

Em um movimento rápido, três estalos e o graveto que estava com Zand flutua até a mão esquerda de...

“Como ela me desarmou? Eram gravetos! Nem ao menos têm apoio para serem arrancados da mão!”

- Eve?

Ela aproveita a surpresa de Zand e se aproxima para lhe roubar um beijo rápido.

- Você está péssimo, sabia Zand? Não devia ter me afastado de você. Desculpa. É que fazia parte do plano. No fim, tudo deu certo, está vendo?

- Eve...

Ela arranca uma tira da roupa que vestia e se abaixa para tentar estancar a ferida na perna de Zand.

- Eu sei, fui egoísta. Mas você também teve sua vingança. E se não puder me perdoar por isso, tudo bem, eu vou embora. De qualquer maneira, tive tempo demais para repensar a minha vida e hoje vejo o muito que tenho para viver. Acho que os deuses me presentearam com uma nova chance. Queria uma outra chance sua também, queria mesmo, mas sinceramente não dependo dela.

Zand toca o rosto de...

- Mas isso não vai dar certo! É confuso demais! Como vou olhar para você e ver Eve e não a traidora da Rubi!?

- Entendo... Mas acha que não podemos viver com isso?

- Você me traiu... Você... Por que eu estou começando a me sentir como se minha vida sempre fosse conduzida por uma mulher!? Maldição!

Eve olha para o lado e vê as pessoas da cidade se aproximando, mais ousadas do que antes, para acompanhar de perto a cena.

- Isso é tudo, Zand? Então...

- Espere! - Zand segura sua mão, quando ela estava prestes a ir. - Não posso garantir nada, mas... Podemos tentar...

- Nessa vida não nenhuma garantia para nada, quanto a isso não se preocupe.

- E... O que aconteceu com Rubi? E onde foi parar a E-64?

- Sinceramente, pouco me importa, Zand! Se possível, quero morrer de velhice sem precisar encarar de novo aquela espada dos infernos e você deveria pensar o mesmo de Rubi.

- É, mas e se...

- Zand... - Eve beija Zand novamente e o olha com ternura. - Você é mesmo uma graça, como eu pensei que fosse. Parece mais um menininho assustado do que o guerreiro

e o bardo que você é. Vamos, vamos para a casa que era dela, temos que cuidar dessa ferida.

- Mas Knova não foi vingada.

- Foi o suficiente. E, por falar nela, eu sei onde a bandida guardou o que sobrou do tesouro do dragão. - Ela pisca para Zand. Então coloca seu braço em torno do pescoço para ajudar a levá-lo à casa. - E ainda dão uma boa quantia...

- Hahaha! O que vou dizer a Willen?

- Sobre?

- “Cuidado para não terminar se apaixonando pela espada.”

- Hmmm... Convida ele pra ser nosso padrinho.

Eve, no corpo de Rubi, conduz Zand até o quarto, longe dos olhos da população daquela pequena cidade.

Longe dali, um monstro branco tenta dar coices no ar enquanto voa. Seus tentáculos sem coordenação tentam arrancar sem sucesso, aquela espada cravada em suas costas. Uma espada que traz a inscrição “E-64”. ...Em vermelho.